



**Ficha Técnica****Título:** “EDI – Experiências de Democracia Inclusiva”

Editado no âmbito do Projecto Dimensão Cosmos2, suportado pelo Programa Juventude em Acção da União Europeia.

**Obra Coordenada por:** Abraão Costa**Investigadores de Campo:** Abraão Costa, Isabel Simões e Bruna Araújo**Correcção e Revisão Gráfica:** Abraão Costa e Daniela Machado**Propriedade de:***Grupo Informal SER*

e

*Plataforma de Animadores SocioEducativos e Culturais*

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sites na internet – [www.pasec.pt](http://www.pasec.pt) e [dimensao-comos.blogspot.com](http://dimensao-comos.blogspot.com)Email – [pasec.geral@gmail.com](mailto:pasec.geral@gmail.com) - [grupo.informal.ser@gmail.com](mailto:grupo.informal.ser@gmail.com)**Depósito Legal n.º****Abril de 2011****Impressão na Gráfica das Aves**

**Índice**

Introdução.....	5
Da Exclusão Social à Inclusão Social.....	7
Entrevistas .....	9
Entrevista a Carlos Pinto, 15 anos, Estudante do 8º ano .....	10
Entrevista a Elisa Novo, 24 anos, Técnica Superior de Animação SocioEducativa.....	12
Entrevista a Eduardo Tavares, 14 anos.....	14
Marta Assunção, 34 anos, Formadora e Animadora SocioCultural.....	16
Bernardino Silva, 44 anos, Coordenador da OIKOS – Região Norte.....	18
Testemunhos .....	21
Salva pela Literatura e pela.... Coincidência de estar em grupo.....	22
A influência da minha família e o papel do Animador.....	24
Páginas de um diário.....	26
Ver o mundo em perspectiva.....	29
O grupo como espaço de tomadas de decisão .....	31
O Geocaching na minha vida.....	33
Lutar contra a Bulimia.....	35
Palavras de uma viagem de autocarro.....	38
As Artes Marciais como forma de Inclusão... ..	42
Extrema Exclusão e Democracia Inclusiva.....	46
Histórias e Experiências de Democracia Inclusiva .....	49
Perceber que ao fim de dez anos começamos todos os dias... ..	50
Trabalhar numa Casa de Acolhimento de Jovens de Risco.....	55
Os modelos de integração dos movimentos associativos de inspiração religiosa e os movimentos associativos de inspiração política.....	59
A construção do “eu” com base... num “Campo de Formação” .....	63

Crianças “encurraladas” no flagelo da Violência Doméstica .....	67
Situações de Exclusão Social nos Cursos de Formação Profissional .....	70
Os rostos e os recursos da democracia inclusiva e da cidadania activa. Apontamentos de um Animador – A Realidade Madeirense... ..	74





## Introdução

No seguimento do projecto Dimensão Cosmos nasceu o projecto Dimensão Cosmos 2 que se insere numa realidade de crianças, adolescentes e jovens entre os 7 e os 27 anos, institucionalizados (em Portugal e nos países parceiros), a viver em regime de internato, ou em contexto social de risco primário, colocados à margem dos processos de participação juvenil.

Este novo projecto levou a cabo um ambicioso plano de acção assente em quatro vectores essenciais:



- Promover o protagonismo juvenil do grupo alvo enquanto cidadãos europeus de pleno direito no processo democrático tornando os Clubes Cosmos criados no primeiro Dimensão Cosmos nas Escolas Abertas Cosmos para a Democracia, duplicando as já existentes, complementando o processo com um Plano Especial de Intervenção para comunidades juvenis em especial risco de exclusão;

- Fomentar a criação em Rede

de processos de desenvolvimento local integrados e coerentes que surgissem como mais-valias e novos campos de oportunidade aos jovens desfavorecidos envolvidos directa e indirectamente no projecto articulados a partir do Centro de Animação “Dimensão Cosmos”, criado através de 4 Campos “Escola Aberta” (actividades em formato de acção de formação com vários dias em regime de estadia);

- Criar a Plataforma Digital EDI (Experiências de Democracia Inclusiva), em articulação com as outras acções, com suporte web, rádio, linha telefónica, jogos e revista newsletter para formar educadores, agentes educativos e voluntários nesta área que culminará com o lançamento do Portfólio “EDI” com todas as experiências e o Parlamento “EDI”;

- Discutir e reflectir o protagonismo juvenil na democracia no contexto europeu através de um Observatório Juvenil para a participação juvenil na Democracia em parceria com o Núcleo de Estudantes de Educação da Universidade do Minho, estrutura que servirá como órgão de avaliação externa do projecto.

Para operacionalizar este plano:

- Realizamos 4 Campos Escolas Abertas (1 deles internacional e de maior magnitude envolvendo todos os parceiros) tendo como fim a criação do Centro de Animação “Dimensão Cosmos” – Estrutura agregadora de futuras intervenções

- Criamos a Plataforma Digital e Portefólio EDI (a obra que têm em mãos) como forma de amplificar e sensibilizar o maior número de agentes educativos possível, para além dos abrangidos pelo projecto;
- Realizamos encontros de trabalho e formação entre os países e organizações envolvidas;
- Criamos e renovamos planos de acção locais para o desenvolvimento de actividades que suportassem a dinâmica das Escolas Abertas Cosmos;
- Divulgamos o Serviço Voluntário Europeu junto dos jovens envolvidos no projecto com idade superior a 18 anos;
- Criamos o Parlamento Juvenil EDI através de jogos gigantes e oficinas temáticas que foram criadas a partir das dinâmicas das Escolas Abertas Cosmos
- Demos vida ao Observatório Juvenil para a participação juvenil na Democracia
- Organizamos o Raid Aventura e Campanha de Sensibilização “Arrisca viver a Democracia...” através de vários materiais de divulgação e iniciativas que visavam amplificar o raio de acção do Dimensão Cosmos 2.

O Portefólio EDI, que vos apresentamos nas páginas que se seguem, tem como objectivo documentar experiências reais de Democracia Inclusiva, sobretudo as dos jovens e técnicos que deram alma ao projecto.

Nos capítulos seguintes terão acesso a entrevistas, reflexões, investigações de campo e visões várias sobre as diversas dimensões da Democracia Inclusiva, nomeadamente as experiências ligadas a fenómenos de Extrema Exclusão.

Importa reforçar que o projecto Dimensão Cosmos 2 está integrado no Programa Juventude em Acção da União Europeia que o suporta financeiramente. Este Programa tem na Agência Nacional para a Gestão do Programa Juventude em Acção a sua entidade nacional representante.

## Da Exclusão Social à Inclusão Social

Quando comparado com os países do chamado terceiro mundo, o nosso país não apresenta indícios graves de Exclusão, mas como fazemos parte do continente europeu essa seria uma comparação despropositada.

Os fenómenos de Exclusão no nosso país assumem todo o tipo de contornos desde as situações referentes aos baixos níveis de qualificação a situações associadas à igualdade de género, discriminação com raiz étnica, religiosa ou sociocultural ou ainda as mais comuns ligadas aos fenómenos de pobreza e estigmatização social de toda a ordem.

René Lenoir, que deu origem ao conceito de Exclusão com a sua obra de 1974 “ Os excluídos”, procurava alertar as sociedades para a dificuldade de incluir determinados grupos diminuídos física, psíquica e socialmente. Por outras palavras o conceito de Exclusão Social assenta na incapacidade que os actores ou agentes sociais encontram para incluir os públicos em situação precária, situação que se traduz na incapacidade do sujeito para aceder ao campo de oportunidades disponibilizado pela comunidade e pela sociedade em geral, tornando-o um elemento à parte do grande grupo.

Os fenómenos de Exclusão Social alastram a um ritmo assustador. Não sabemos se foi sempre assim, só sabemos que agora temos um conhecimento real dos mesmos, traduzido em situações limite como fenómenos de Extrema Exclusão. Esta realidade



leva a uma emergente necessidade de implementação de políticas e programas de Inclusão Social, nomeadamente a partir da base, junto das comunidades juvenis.

A necessidade de uma política de Inclusão Social de resposta a situações de elevado risco levou à elaboração de políticas, leis, programas e serviços direccionados ao atendimento das necessidades especiais, tendo sido criados mecanismos de readaptação dos sistemas sociais existentes em caso de incapacidade destes para resolver as situações mais precárias.







Durante o trabalho de investigação e análise de dados para a produção do Portefólio EDI foram muitas as entrevistas que realizamos neste âmbito. Aqui ficam algumas com depoimentos de alguns dos actores juvenis do Dimensão Cosmos 2. Os nomes são fictícios no caso das crianças e adolescentes envolvidos de modo a respeitar e preservar a identidade dos entrevistados.

Decidimos transcrever as entrevistas na íntegra de modo a dar uma imagem e dimensão real sobre as opiniões e interpretações das crianças, adolescentes, jovens e técnicos implicados.

Nestas entrevistas procuramos perceber o que entendem os entrevistados acerca do conceito de Exclusão, mais concretamente o de Extrema Exclusão e a sua visão e experiência concreta com este tipo de fenómenos.

### ***Entrevista a Carlos Pinto, 15 anos, Estudante do 8º ano***

Entrevistadora: Nome e idade.

Entrevistado: Tenho 15 anos e chamo-me Carlos Pinto.

Entrevistadora: Carlos Pinto, És estudante?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: O que é que tu entendes por Extrema Exclusão?

Entrevistado: São pessoas postas á parte de diversas formas como...tipo.... têm muitos problemas, outros são pessoas portadoras de deficiência e a sociedade não aceita isso muitas vezes da melhor forma.

Entrevistadora: Já alguma vez estiveste perante um caso de Extrema Exclusão?

Entrevistado: Não. Por acaso não.

Entrevistadora: Nunca viste ninguém a ser excluído?

Entrevistado: Excluído já, mas Extrema Exclusão não.

Entrevistadora: Podes-nos contar algum caso em que tenhas visto alguém a ser excluído?

Entrevistado: Por exemplo, foi na minha escola, um rapaz da minha turma queria jogar futebol e os outros não deixaram. Meteram-no á parte, porque ele praticamente não sabia jogar.

Entrevistadora: Relativamente aos casos que referiste de Exclusão, como é que tu achas que podemos promover a Democracia Inclusiva. Ou seja, como é que podemos ajudar a incluir crianças ou jovens com o tipo de problemas que referiste?

Entrevistado: Não sei. Mas pensa que uma das formas será tentar perceber porque é que nós muitas vezes agimos de forma a excluir os outros, mesmo sem nos apercebermos. Ninguém tem a culpa de nascer tal como é. Ninguém escolhe onde nasce, por isso penso que não temos o direito de excluir ninguém... mas eu também não sou um bom exemplo.

Entrevistadora: Por exemplo, se as crianças e jovens que sofrem dos problemas que referiste pudessem exercer mais o seu poder de decisão, se conseguissem fazer ouvir a sua voz, seria mais fácil resolver os seus problemas?

Entrevistado: Sim. Se pudessem tomar as próprias decisões era muito mais fácil.

Entrevistadora: Consideras que os problemas que nascem através das situações de Exclusão são uma das situações mais graves que a sociedade tem para resolver?

Entrevistado: Não sei bem. Há problemas que acho que são mais graves. Mas esses também são muito importantes. Existem crianças que são maltratadas, que vão para a guerra, que se suicidam porque são maltratadas na escola ou porque são postos à parte, outras que são vítimas de brincadeiras estúpidas. Tudo isto dá muito que pensar.

Entrevistadora: Então, para combater os problemas da Exclusão, que soluções é que tu apresentarias?

Entrevistado: Tanta coisa. Uma das soluções para ajudar uma vítima é o apoio psicológico. É importante para que não nos deixemos ir abaixo. É preciso trabalhar a auto-estima para não acontecerem situações como as tentativas de suicídio.

Entrevistadora: Queres acrescentar alguma coisa ao que foi dito?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: E se pudesses deixar uma mensagem a quem é vítima de Exclusão, o que é que dirias?

Entrevistado: Se pudesse? Dizia para não desistir... eu sei que toda a gente diz o mesmo, mas é nestes momentos que devemos voltar a pensar no que somos e ao que chegamos... ter alguém que não nos deixa desistir pode ser a diferença entre estar aqui a falar contigo ou passar o resto dos dias na rua ou numa Casa de Correção... pelo menos falo por mim....

Entrevistadora: Obrigado pelo teu depoimento.



**Entrevista a Elisa Novo, 24 anos, Técnica Superior de Animação SocioEducativa**

Entrevistadora: Diz-me o teu nome e idade.

Entrevistada: Eu chamo-me Elisa Gabriela Eusébio Novo. Tenho 24 anos.

Entrevistadora: O que fazes?

Entrevistada: Estou a tirar Mestrado em Coimbra, na Escola Superior de Educação de Coimbra e trabalho numa creche como Animadora SocioEducativa, com crianças de 2 e 3 anos.

Entrevistadora: O que é que entendes por Extrema Exclusão?

Entrevistada: A Extrema Exclusão engloba todos os fenómenos de Exclusão Social, o que a diferencia dos fenómenos de Exclusão normais é o grau de gravidade. É diferente ter uma criança vítima de fome porque não tem acesso a três refeições por dia e ter uma criança que é vítimas de fome porque pura e simplesmente não tem o que comer. Outro exemplo, casos de pobreza, é diferente alguém que é pobre porque ganha o salário mínimo e alguém que é pobre porque tem de sobreviver com um dólar por dia.

Entrevistadora: Podia-nos relatar alguma da sua experiência relativa a casos de Extrema Exclusão ou apenas de Exclusão?

Entrevistada: Não me lembro de nenhum caso de Extrema Exclusão.

Entrevistadora: E casos de Exclusão?

Entrevistada: Olha, quando era mais nova sentia-me excluída, não que fosse vítima directa de exclusão, era mais uma auto-exclusão. Pensava que os outros não me percebiam, simplesmente isso, excluía-me porque pensava que era menos do que os outros e às vezes isso dificultava a minha afirmação, a minha envolvência com as pessoas que me rodeavam. Mas isso passou e depois da fase da adolescência nunca mais senti isso. Mas lido com fenómenos de Exclusão Social todos os dias, crianças que provêm de famílias com uma raiz sociocultural muito débil e por isso são vítimas de exclusão. Crianças de famílias com baixos recursos socioeconómicos, crianças portadoras de deficiência, entre outros casos.

Entrevistadora: De que forma é possível promover a Democracia Inclusiva neste tipo de fenómenos?

Entrevistada: É preciso uma intervenção muito activa nos vários grupos sociais. Alguém que esteja capacitado para actuar, sobretudo, com os cidadãos idosos. São precisos técnicos que tenham a competência e preparação para intervir e formar a nova geração de jovens, que sejam capazes de lhes chamar a atenção e à razão.

Entrevistadora: Achas que ao darmos à criança/jovem a oportunidade de poder dar a sua opinião e tomar as suas próprias decisões contribui para o fortalecimento da sua autonomia e desenvolvimento psicossocial. Achas também que dessa forma estamos a prevenir os fenómenos de Exclusão Social?

Entrevistada: Claro, evidentemente. Mesmo que orientado, ele deve ter o direito de decidir. Ele, melhor do que ninguém, sabe o que é que quer e o que é que tem para decidir. Deixá-los decidir é contribuir para a sua felicidade e responsabilidade. Mesmo que erre também não vai ser por aí que o mundo vai acabar. Toda a gente erra. E só deixando-os errar iremos permitir que acertem mais vezes.

Entrevistadora: Que metodologias ou acções, podem ser desenvolvidas para promover processos de Democracia Inclusiva com este tipo de crianças e jovens?

Entrevistada: Estamos na Assembleia Europeia Juvenil organizada pela PASEC. O que nós fizemos, podes bem dar o exemplo de hoje. O que aqui fizemos nestes dois dias de uma forma informal e dinâmica recorrendo à reflexão através das pinturas faciais, das revistas de imprensa, da realização de vídeos em curta-metragem são uma forma de fazermos chegar a informação aos mais jovens com resultados concretos, tornando-os parte do processo.

Entrevistadora: Tem alguma coisa a acrescentar?

Entrevistada: Tenho. De uma forma sucinta, nem sempre sabemos distinguir os reais fenómenos de Exclusão, e estes persistem por uma questão de atitude e mentalidade. Há uma frase que nunca mais me vou esquecer que é: “nós julgamos o livro pela capa, quando o interior não é nada”. Devemos ser nós, os mais jovens e técnicos que operamos na área social a ter uma visão mais lateral e em perspectiva dos reais fenómenos de exclusão alertando as pessoas e comunidades para as suas atitudes e tomadas de posição.

Entrevistadora: Se pudesse deixar uma mensagem às vítimas de Exclusão, o que é que dirias?

Entrevistada: Que não esperem que sejam os outros a fazer alguma coisa por eles. Há que reagir, esperar que o mundo ganhe inspiração para nos socorrer é esperar por um vazio sem resposta. Se tivermos ajuda tanto melhor, mas começa em nós a resposta para a nossa própria exclusão. Não podemos estar á espera dos outros.

Entrevistadora: É tudo. Muito Obrigada.



**Entrevista a Eduardo Tavares, 14 anos**

Entrevistadora: Olá Eduardo, o que é que entendes por Exclusão?

Entrevistado: Olá. A Exclusão acontece quando as pessoas são colocadas à parte.

Entrevistadora: E tu alguma vez foste posto de parte ou assististe a alguém a ser posto de parte? Por outras palavras já te sentiste excluído ou percebeste que alguém estava a ser excluído?

Entrevistado: Já vi muitos amigos a serem vítimas de exclusão, sobretudo na escola. São ameaçados, tentam roubar-lhes o dinheiro e os telemóveis só porque não são tão fortes como os que roubam. Quanto a mim, o facto de vir de um colégio e morar longe da minha mãe também já foi um problema, mas agora está tudo resolvido.

Entrevistadora: Falaste de roubos. Já viste isso acontecer muitas vezes?

Entrevistado: Eu já vi, mas comigo nunca aconteceu.

Entrevistadora: Como é que achas que é possível resolver este tipo de problemas?

Entrevistado: Chamar a atenção, avisar os professores e os empregados da escola e se for preciso aplicar castigos.

Entrevistadora: Achas que se tu e os colegas da tua idade tivessem a oportunidade de decidir aquilo que querem fazer e aquilo que querem ser seria mais fácil combater e resolver os problemas que nos contaste?

Entrevistado: Não sei. É bom poder decidir o que se quer fazer e o que queremos ser mas ao mesmo tempo se pudéssemos fazer tudo o que queremos acho que não ia funcionar. Não é possível ter tudo como nós queremos.

Entrevistadora: Então como é que tu achas que se combate a Exclusão?

Entrevistado: Primeiro é importante ajudar aquelas que têm mais dificuldades. Basta lembrar a situação no Haiti em que muitas pessoas enviaram comida, roupa, entre outras coisas. Depois é importante haver pessoas que percebam os problemas e possam ajudar quem precisa.

Entrevistadora: Já fizeste alguma acção em que ajudasses pessoas vítimas de Exclusão?

Entrevistado: No meu colégio tínhamos uma caixa de dinheiro para apoiar uma associação que trabalhava com crianças em África. Fui recebendo a semanada, juntei

algum dinheiro e deixei na caixa. A minha família também é africana e é sempre importante ajudar. Não sei se fiz muito mas deixei lá €5.

Entrevistadora: Muito bem. Do que falamos até aqui, não queres dizer mais nada? Queres acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: É tudo, obrigado.



**Marta Assunção, 34 anos, Formadora e Animadora SocioCultural**

Entrevistadora: Qual é o teu nome e idade?

Entrevistada: Marta Assunção, 34 anos.

Entrevistadora: Ocupação?

Entrevistada: Sou professora numa Escola Profissional em Paços de Ferreira

Entrevistadora: O que é que entendes por Extrema Exclusão?

Entrevistada: É levar efectivamente ao extremo as reais situações de exclusão como são a fome, a pobreza, a discriminação por causa da raça ou credo. São situações problemáticas elevadas a níveis limite.

Entrevistadora: Podia-nos relatar algumas das tuas experiências com casos de Exclusão e Extrema Exclusão.

Entrevistada: Trabalhei muitos anos para uma organização não governamental que implementou uma série de projectos em África de combate a flagelos como a subnutrição, várias doenças graves e gravidez precoce. Actuávamos sobretudo na área dos cuidados primários. Formamos enfermeiros, médicos e profissionais da área educativa para trabalhar com as comunidades locais.

Fora da minha área profissional, estive inserida num grupo de dança. Sem ser eu a vítima, senti e vi várias vezes alguns colegas a serem postos de parte porque tinham menos aptidão para a dança. Muitas vezes excluímos os outros por terem menos aptidão que nós para várias tarefas. Já vi colegas formadores a fazerem o mesmo. Esta situação aplicada a crianças é muito grave.

Entrevistadora: Como é possível promover a Democracia Inclusiva neste tipo de fenómenos?

Entrevistada: É um grande trabalho que tem que ser feito, não é? E quanto mais tenra é a idade em que nós trabalharmos, melhores os resultados que podemos obter. Acho que é possível promover a Democracia Inclusiva sobretudo através de uma Educação Não Formal de proximidade, através do jogo e da reflexão, dando às crianças e jovens o poder de discutir e falar sobre os seus problemas.

Entrevistadora: Então achas que o facto de uma criança/jovem poder decidir contribui para o seu desenvolvimento psicossocial e assim prevenir os fenómenos de exclusão social?

Entrevistada: Sem dúvida. Quando podemos decidir o caminho que queremos qualquer um de nós se sente mais importante e valorizado, com as crianças ou jovens não é diferente. Permitindo que em determinados assuntos sejam eles os protagonistas estamos a formar jovens cidadãos interventivos, com sentido crítico, mais responsáveis e capazes de fazer a diferença.

Entrevistadora: Que metodologias ou acções podem ser desenvolvidas para promover processos de Democracia Inclusiva com crianças e jovens vítimas de Exclusão?

Entrevistada: Penso que a metodologia que melhores resultados pode apresentar é método de trabalho com base num processo prolongado no tempo que permita ao jovem evoluir naturalmente. Temos o exemplo dos grupos não formais ligados a organizações como a PASEC. Os grupos são espaços de partilha e reflexão, nada de muito rigoroso, sem os formalismos do espaço aula. São um espaço onde há a oportunidade de fazer tudo, de reflectir sobre qualquer coisa, de brincar, de jogar, onde só está quem quer, é uma escolha livre, o que permite lidarmos com o real de cada um. Assim, tudo se torna mais fácil.

Entrevistadora: Considera que a Extrema Exclusão é o problema mais grave com que nos deparamos na sociedade actual? Ou existem outros?

Entrevistada: Não. Acho antes que existe um conjunto de problemas que levam à Extrema Exclusão como são a pobreza, a falta de instrução, a própria forma como a sociedade se organiza, a conjuntura política, etc. São este conjunto de fenómenos que levam a que a Extrema Exclusão seja uma realidade.

Entrevistadora: Tem alguma coisa a acrescentar?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Se pudesse deixar uma mensagem às pessoas que são vítimas de exclusão, o que é que diria?

Entrevistada: O que é que eu diria? Acreditar que as coisas um dia vão ser diferentes e que, utilizando um bocadinho o provérbio popular, a esperança é a última a morrer e que quando se tenta de facto resolver o problema que temos, resolvemos mesmo, é só uma questão de tempo.

Entrevistadora: Muito obrigada.

**Bernardino Silva, 44 anos, Coordenador da OIKOS – Região Norte**



Entrevistadora: Olá Dr. Bernardino, como está?

Entrevistado: Bem, obrigado.

Entrevistadora: Qual é a sua actual ocupação?

Entrevistado: Sou Coordenador da Região Norte da OIKOS e estou destacado pelo Ministério da Educação para estas funções, ou seja, apesar de eu ser docente, neste momento a minha tarefa é ser Coordenador da Região Norte para a OIKOS.

Entrevistadora: O que entende por Extrema Exclusão?

Entrevistado: É assim, a Extrema Exclusão, a Exclusão em geral, hoje pode ter várias variantes, temos a Extrema Exclusão ligada aquilo que nós chamamos a Exclusão dos Países Ocidentais, na Europa, que eu creio que é por aí que vem a linhagem da palavra e do conceito “Exclusão”. Porque quando começa a existir a chamada a mobilidade dos povos, quando começa a existir a abertura das fronteiras, é aqui que começa a existir um pouco esta ideia de que o outro é diferente de mim, e é aqui que entra muitas vezes a ideia de tentarmos excluir aquele que outrora não fazia parte da minha cultura. Portanto, a exclusão é hoje um pouco fruto disto, não é?

Entrevistadora: Podia-nos relatar um pouco da sua experiencia com casos reais de Extrema Exclusão? Quais as mais significativas?

Entrevistado: Essa pergunta é ambígua. É ambígua porque felizmente tenho tido a oportunidade de viajar para vários contextos e esses contextos muitas vezes não se encontra propriamente a ideia da exclusão, até pelo contrário, é a ideia da inclusão, só que são em contextos extremamente frágeis ou vulneráveis.

Entrevistadora: Como é possível promover uma cultura de Democracia Inclusiva para fazer face a este tipo de fenómenos?

Entrevistado: Essa é talvez uma das questões mais actuais do momento, porque vem um pouco ao encontro daquilo que a própria OIKOS e outras organizações têm procurado, que é a ideia da educação global para a cidadania ligada à questão da participação activa e que procuramos promover junto da sociedade civil através de práticas que envolvam a responsabilização de cada cidadão envolvido, do seu compromisso para com o mundo e sobretudo para com os países em vias de



desenvolvimento. É que não existe um senso comum à volta do tema em termos da própria uniformização conceptual e até, muitas vezes, em relação aos próprios compromissos dos países ou dos governos ou dos líderes, que em ocasiões chave, se comprometem mas depois não passa da palavra proferida, por vezes, até rubricada mas depois a acção não acontece.

Entrevistadora: Acha que o facto de darmos às crianças/jovens o poder de decisão contribui para o seu desenvolvimento psicossocial e dessa forma atenuar os fenómenos de Extrema Exclusão?

Entrevistado: Obviamente, obviamente. É pena, é que em alguns contextos, nomeadamente os chamados contextos para o bem comum, ainda não haja uma mobilização tão forte não é? Talvez, aqui, a culpa nem é tanto dos jovens, mas é talvez de uma sociedade que criou uma estrutura esquecendo alguns valores fundamentais da vida humana... talvez. Ao esquecermos alguns valores importantes, levamos a que os jovens também não associem determinados valores à sua prática diária. E os valores são estruturantes. Pertencem ao crescimento da pessoa e por vezes esses valores perderam-se na família, que deveria ser pela proximidade, o núcleo fundamental do crescimento individual, o que depois leva também à acção colectiva.

Entrevistadora: Que metodologias ou acções podem ser desenvolvidas para promover processos de Democracia Inclusiva com crianças e jovens vítimas de Exclusão?

Entrevistado: Isso, os processos e as metodologias, as estratégias dependem sempre muito do contexto em que estão inseridos. Agora, há obviamente estratégias que são comuns. Se estamos a falar, por exemplo, de um tema como o tema dos Objectivos do Milénio, há todo um contexto que é universal, que é conhecido, são 8 os objectivos. Quais são aqueles que dizem mais respeito ao contexto português e quais aqueles que não são, e o que é que significa hoje isto de ir ao encontro das comunidades ou dos países em vias de desenvolvimento, etc. Mas, em alguns contextos, não só no nosso país mas como outros países ocidentais, nós verificamos que é necessária uma metodologia adaptada, uma estratégia adequada de comportamentos, de linguagens, de princípios estruturantes.

Ao mesmo tempo é na forma de liderança, na forma como se observa, como conheço, pela proximidade que tenho com as pessoas, que eu poderei desenvolver ou não, determinadas actividades e determinadas especificidades dentro do meu próprio bairro, freguesia ou região. E acho que é aqui que nasce o padrão daquilo que é um verdadeiro líder ou agente capaz de mudar ou operar a mudança sobre um determinado problema. É importante conhecer pela proximidade aquilo que é pertinente, para que a partir daquela pertinência, exista uma evolução positiva na comunidade que queremos atingir. Não é fazer algo mais, mas é fazer algo que vai ser maior, para aquelas mesmas comunidades.

Entrevistadora: Gostaria de acrescentar algo ao que abordamos até aqui?

Entrevistado: Não. Agradecer por uma lado e por outro lado que vocês jovens não se acomodem, não se acomodem e que tenham sempre uma perspectiva orientadora daquilo que é essencial hoje para o sentido individual, porque é fundamental as pessoas entenderem o individual e não o confundirem com individualismo. Depois importa perceber os dois grandes pilares da existência humana: o pilar do compromisso e da responsabilidade. Tudo isto associado à nossa disponibilidade de estar para os outros e aqui não importa o sector. Se eu tenho disponibilidade “para”, e este “para” serve “para” muita coisa, eu vou ver até que ponto é que depois me “posso” comprometer e ser responsável. Talvez assim consigamos com alguma eficácia um desenvolvimento local e global.

Entrevistadora: Obrigado.

Entrevistado: Obrigado eu.



No capítulo dos Testemunhos, alguns jovens, uns com a sua identidade real outros sob anonimato, partilham as suas vivências e experiências de Democracia Inclusiva.

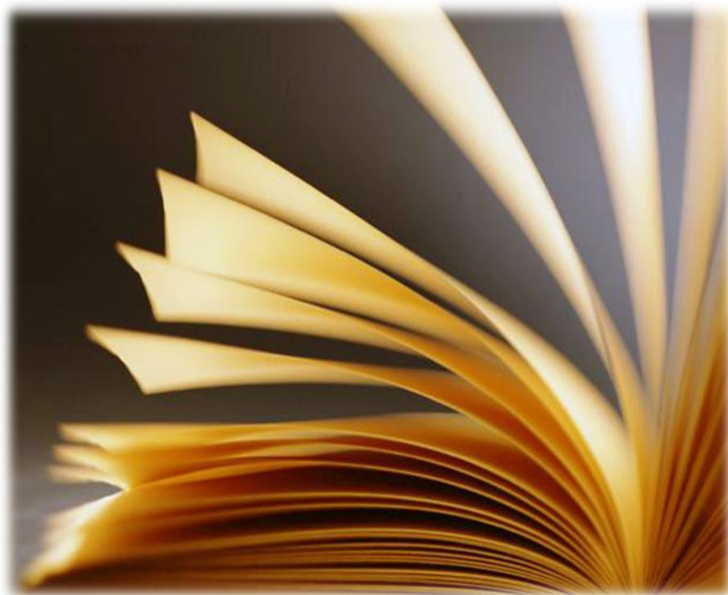
### ***Salva pela Literatura e pela... Coincidência de estar em grupo...***

Até viver uma verdadeira experiência de Democracia Inclusiva traduzida na minha vivência em grupo, passei por um processo complexo. A verdade é que só lá cheguei depois de ultrapassar muitas barreiras, que advêm da minha história familiar.

Nasci numa família muito humilde, que há apenas duas gerações atrás eram analfabetas, e a geração antes da minha, a dos meus pais mais precisamente, tem apenas o ensino primário.

Nunca passei necessidades, verdade seja dita. Com muito esforço, os meus pais sempre me deram tudo que precisei, mas nunca o que queria. Grande parte desde esforço foi investir na minha educação.

Desde muito cedo, mostrei sede de aprendizagem e facilidade em aprender. Aos meus 11 anos, essa sede aumentou. O facto é que culturalmente, a minha família não me podia estimular nesse sentido. E, por mero acaso, comecei a ler. Aí o rumo da minha vida mudou.



O contacto com a literatura, com o avançar da idade, principalmente nos primeiros anos de adolescência, moldou fortemente a minha personalidade e forma de pensar, consoante as personagens que conhecia e as viagens que os livros me mostravam. E, como o meu meio social não me interessava, isolei-me com os meus livros. Cresci isolada no meio das páginas que devorava noite dentro.

Lembro-me de ter 13 anos e ler os “típicos Harry Potter” avidamente durante a noite, ao ponto de não conseguir dormir a noite inteira. Ou de ler “A volta ao mundo em 80 dias” e de me sentar na minha cama e me imaginar a fazer essa viagem, a ter a liberdade das personagens e a viver com aquela intensidade.

O facto é que esta fome de conhecimento fez-me pensar de maneira diferente da minha família. Deu-me uma visão do mundo mais alargada, rica, o que me tornou mais pró-activa e, sobretudo, mais ambiciosa! Aí, começaram a surgir os conflitos. Na altura talvez só fosse o conhecido conflito de gerações.

Apesar de a minha personalidade ser totalmente diferente da dos meus familiares, não havia maneira de agir consoante os meus pensamentos, pois o que surgia e saía dos padrões era reprimido.

Depois, aparece a PASEC. Após meses a ouvir falar do seu trabalho assente em temas como a interculturalidade e democracia inclusiva, enchi-me de coragem e disse a mim própria: “Eu quero entrar para a PASEC”, sabendo que estava a entrar num caminho totalmente desconhecido. Acredito piamente que esse momento mudou a minha vida.

Foram grandes os problemas que tive de passar integrar o grupo em que estou agora, sobretudo os que tiveram a sua origem no meu meio familiar, visto que o meu núcleo familiar nunca apoiou ou facilitou a minha entrada no grupo. Penso agora que apenas não entendiam.

Começou há mais de 16 meses e, depois de muitas batalhas e discussões, algumas perdidas, outras ganhas, este desafio que prova que a Democracia Inclusiva existe, continua. Todavia, em momento algum duvidei da minha escolha. Vivi experiências que me surpreenderam pela positiva devido á intensidade. Conheci pessoas que me deram a conhecer ideias e ideais diferentes. Particpei em momentos importantes na vida de outras pessoas e ajudei outros que, como eu, precisavam de sair do ninho e crescer como pessoas, cidadãos e seres humanos.

Raquel Pinheiro (nome fictício)



### ***A influência da minha família e o papel do Animador...***

Há dias em que nos olhamos ao espelho e perguntamos “quem somos?”. À primeira vista, temos dois olhos, uma boca, um nariz, duas sobrancelhas, dois ouvidos, duas pernas, dois braços, entre outras coisas...

Mas depois começo a questionar-me, e por “dentro”? Será que somos iguais? E aí difere tudo...

Para começar a responder a esta pergunta começo pela base, a minha família. Vivo com o meu pai, mãe e o meu irmão. A minha mãe é uma guerreira em todos os aspectos apesar das adversidades da vida. Foi quase uma escrava de trabalho do próprio pai, trabalhou durante vários anos num Mercado a troco de um salário miserável com o qual teve de sustentar uma casa... não foi fácil, e apesar disso sempre me deu a mim e ao meu irmão tudo o que pôde... não a julgo porque não tenho queixas... ela tirou da própria boca para dar aos filhos, um acto de altruísmo face aos dias de hoje em que toda a gente passa por cima de tudo e todos para conseguir o que quer sem pensar nas consequências.



E o meu irmão? Nesta caminhada de autoconhecimento, através dele surge o universo da Animação. Inicialmente integrei um grupo de crianças de um Movimento de Crianças e Adolescentes, hoje este grupo faz parte da PASEC. Todos os dias agradeço esta coincidência que o meu irmão me proporcionou e voltando a ele, apesar de termos as nossas divergências, esteve sempre presente nos principais momentos da minha vida. As nossas discordâncias devem-se ao facto de termos facetas diferentes e daí surgem as discussões, embora, nem sempre sejam tão construtivas como gostaria.

E o meu pai?... é difícil falar nele. Quando nos referimos ao nosso pai, este surge sempre como a ideia de chefe de casa, o supremo, o herói dos filhos. E sempre foi

assim comigo. Infelizmente, tem um trabalho que nunca me permitiu estar muito tempo com ele, mas pelo menos tínhamos uma rotina. Esperava que eu chegasse da escola, jantávamos e no fim, despedia-se de mim com um leve beijo na testa enquanto eu já estava a implorar-lhe para que me trouxesse rebuçados quando viesse embora do trabalho. Então, chegava a casa, dirigia-se ao meu quarto e pousava silenciosamente os rebuçados em cima da mesa-de-cabeceira, dava-me um beijo e ia-se embora. De manhã, ao levantar-me para ir para a escola, eu vi-a os rebuçados, e momentaneamente ia ao seu quarto e despedia-me dele. Isto aconteceu sensivelmente até aos 7/8 anos. Os problemas começaram a aparecer quando surgiu um elemento estranho em equação: o álcool.

Ao princípio, como era nova, não liguei, e não me apercebi do que se passava, até que começaram a surgir as primeiras discussões, a falta de dinheiro, as dívidas. Mas isso, para mim era o de menos, o que eu realmente sentia falta era do meu pai, da pessoa que eu conhecia. Com o tempo a nossa relação começou a desvanecer com a frieza no olhar, nas palavras violentas e na falta de actos de carinho que ele tinha para com os filhos.

No meio deste turbilhão surge, como já disse, o universo da Animação e o grupo que integro à dez anos. Tudo começou em mais um dia de trabalho da minha mãe no Mercado. O Animador do grupo de jovens do meu irmão surgiu e em jeito de brincadeira e provocação ao meu irmão convidou-me para integrar um grupo. A brincadeira virou realidade, vieram as primeiras reuniões, o grupo começou a ganhar forma e comecei a sentir uma espécie de ligação com as pessoas que me rodeavam, sentimento que perdura até hoje.

Com o tempo surge a importância do papel do meu Animador na minha vida. Foi sempre aquela personagem que surgia para completar o que parecia inacabado, o que facilitava as relações e o equilíbrio entre os vários elementos do grupo. No meu caso, substituiu, “com as devidas aspas”, o papel do meu pai, não deixando de ser o amigo importante que está sempre presente, quer nos momentos de tristeza como nos de alegria extrema. Mas até que ponto é importante o papel do Animador num grupo?

Isso depende muito da base com que o grupo nasceu. Se falássemos em concreto do meu grupo, tenho a certeza que se de repente deixássemos de ter o Animador, este deixaria de existir. Passaríamos a simples colegas que se reúnem para tomar café.

O Animador desempenha um papel fulcral no grupo, é como a peça mestra que completa o puzzle. É ele que gere os ritmos do grupo, resolve as situações de conflito, nos proporciona as experiências de que não estávamos à espera e nos abrem horizontes e assim nos faz perceber que valemos mais do que aquilo que demonstramos ou achamos que somos.

Diana Luna (nome fictício)

**Páginas de um diário...**

*“Olá meu caro profeta, mais uma vez te escrevo, já não aguento mais, estou farta disto, só quero dormir e que a mãe e o pai parem de discutir, já não aguento estes barulhos, a minha cabeça dói, ainda por cima tenho que escrever uma composição sobre a família, mas não sei o que escrever, pois aqui já não se passa nada, o meu pai já não nos leva a passear para o Gerês e não nos conta as suas histórias, nem apresenta os lugares onde já ficou quando trabalhava lá. Já nem nos leva á pesca nem á caça, já não conta as suas histórias de miúdo, nem vem tocar viola antes de nós irmos dormir, deixou-me completamente: a mim, à mãe e ao meu irmão.*

*Sinto saudades dos anos em que o meu pai era admirado por todos, e toda gente vinha ao meu pai pedir para fazer alguma coisa.*

*Agora só se partem pratos ao jantar, as portas batem de força, a mãe já não dorme com o pai e estão sempre a discutir. O pai só gasta dinheiro em álcool e já não dá dinheiro para a casa e para os problemas de saúde que tenho. O álcool destruiu a minha casa.*

*Ainda por cima e com tudo isto, não quero ir para a escola. Lá toda a gente goza comigo, porque visto-me de maneira diferente e uso óculos redondos e os outros gozam porque sabem o que se passa lá em casa e mandam piadinhas de um pai alcoólico.*

*O que me vale é que ainda tenho um amigo e uma amiga que estão comigo fora da escola, já dá para aliviar esta dor, mas mesmo assim quando volto para casa os pais estão de novo a discutir e eu... pronto... venho aqui para o quarto falar contigo ou esperar que eles parem por cinco minutos...*

*Sinceramente profeta, só queria que eles os dois se separassem. Assim acabava esta violência toda. Sim profeta! Isto está cada vez está mais grave. Além de se baterem portas e partirem pratos, o pai já bateu á mãe e eu fiquei ali sem poder fazer nada, até que os meus padrinhos pegaram em mim e no meu irmão e levaram-nos para casa deles.*

*Eu só quero dormir, quero descansar sem gritos, quero ter amigos na escola e não que gozem comigo. Não quero mais que os meus tios venham entregar comida cá a casa só porque o meu pai gastou o dinheiro todo no álcool.*

*Quero sonhar, quero ir longe, quero crescer para ajudar a mãe sair de casa, pois eu não sei o que ainda a prende ao pai, depois das coisas que ele fez...”*

(...)

Caro profeta: os anos passaram, já estou mais velha. Agora cresci minimamente e os meus pais já se separaram, apesar de estar com algumas dificuldades económicas, pois o meu pai não ajuda em nada, estou muito bem. Estou numa casa pequena, mas chega para nós os três, o ambiente em casa é bom, tenho discussões normais com a minha mãe, mas é normal quando duas mulheres estão juntas, mas contudo ela dá-me toda a liberdade. Já com o meu irmão, temos aquelas coisas de irmãos, pois sou a irmã mais velha e no meu ponto de vista, tenho que mostrar que sou forte e que aguento com tudo, mas o meu crescimento e as minhas atitudes mudaram desde que tive um convite para entrar num grupo da PASEC.

Francamente caracterizo o meu grupo como uma “deficiência mental de resultados únicos” pois ele é algo de magnífico e todos nós que compomos o grupo temos características diferentes. Neste grupo o tempo pára quando reflectimos e nestes momentos encontramos soluções para as questões que tanto nos preocupam e atormentam. Aliás, sempre de uma forma menos comum, diferente. Já percorro esta estrada á cinco anos e sinceramente quero percorre-la muito mais tempo sem saber quantos metros vou fazer, pois a ideia é continuar a evoluir mesmo com os erros que cometemos e aliás não sei quando o caminho acabará, só sei que o quero fazer com as pessoas com que comecei e com outras que virão... talvez....

Agora olhando para estes 5 anos, percebo que o grupo me abriu muitos horizontes, digamos que antigamente eu não tinha vida ou não sabia o que ela era, mas, aqui no grupo, criei uma identidade. Ele é o meu porto seguro, dá-me segurança e é como se fosse uma espécie de terapia.

No grupo não nos banalizamos, somos obrigadas a pensar, a reflectir sobre problemas sociais e pessoais que nos ajudam a combater as dificuldades e a encara-las de uma forma natural e além disso, foi no grupo que encontrei o meu meio de socialização e de criação de novas metas e objectivos concretos. Consegui despertar e descobrir as

minhas qualidades e ao mesmo tempo a saber utilizá-las. Todas as nossas reuniões são diferentes e cada momento é mágico.

Nestes cinco anos existiram várias transformações, mas cada vez me sinto mais útil e mais forte, cada vez conheço mais a realidade e com isto, passei de um elemento de um grupo a ser Animadora de outro e a ir a outros grupos. Isto claro, com o devido acompanhamento, pois ainda tenho muito para apreender, mas o mais incrível é que eu passei de uma caixinha fechada e enferrujada a uma caixa de música suave e que partilha com os outros a sua melodia.



As metodologias que utilizamos no grupo são diferentes de tudo aquilo que já havia experimentado, têm como base a Simbologia Grupal. Com este tipo de método o indivíduo é levado a descobrir-se a si mesmo tendo por base os símbolos com que se identifica. É um processo de evolução constante, pois ajuda-nos, em ambiente grupal, a

enfrentarmos os nossos próprios medos, a desafiar-mos a nós próprios e a percebermos onde queremos estar. A ideia passa por fazer um caminho de descoberta individual acompanhado pelo grupo.

Foi nesta metodologia e evolução que compreendi que o meu passado não é tão chocante como o via, aliás, hoje serve de exemplo e ajuda para outros.

Betty Spulveda (nome fictício)



**Ver o mundo em perspectiva...**

Não posso dizer que tudo mudou após a minha entrada no grupo Cavaleiros, sem dúvida que muita coisa mudou e continua a mudar porque o grupo é isso mesmo, uma aprendizagem constante.

A maior parte daquilo que eu adquiri ao longo da minha vida está a mudar gradualmente, com o meu grupo aprendi que a melhor maneira de perceber os outros é estarmos bem com aquilo que somos, e que a energia que por vezes nos falta pode ser encontrada em nós e naquilo que vamos vivendo.

Estar no grupo é dar mais de nós, partilhar e aprender com o que os outros partilham connosco, é conhecer sem julgar, e é também a possibilidade de confiar em alguém.



Por vezes penso o que tornará esta experiência tão essencial e especial? E lembro-me de tudo aquilo que dou ao meu grupo e aquilo que construo com ele.

Grande parte de nós não entende a importância de estar em grupo, como eu também não percebia. Sempre tive como adquirido que seria possível vencer sem pertencer a um todo, e é possível vencer sem grupo, mas é tão mais fácil e sabe muito melhor se tivermos alguém com quem partilhar esse momento, alguém que simplesmente esteja ali pronto a dar-nos a mão para subir o próximo degrau.

A vida muda com todas as aprendizagens e vivências que efectuamos. Mas o que mudou realmente depois de ter começado a minha experiência em grupo? Algo que me mudou radicalmente, foi perceber que tenho a capacidade de estar um passo à frente, ou seja, depois de entrar na PASEC e no grupo, vivi experiências que me mostraram o quão “mesquinho e tenebroso” é o mundo cá fora e estas vivências ensinaram-me a colocar na pele do outro, a olhar e analisar as questões em

perspectiva, a ser mais comedida e ponderada na atitude e relação que tenho com o que se passa á minha volta, a não olhar única e simplesmente para o meu umbigo.

Se tiver de descrever a minha experiência em grupo seria muito difícil. Agora sei que quando fazemos algo que gostamos, quando estamos em algo de corpo e alma torna-se difícil de explicar aquilo que sentimos em relação a isso pois ficamos tão absorvidos por aquilo que estamos a viver que se torna difícil descrever, pois é tudo tão importante que não sabemos por onde começar e onde terminar. Com o grupo aprendi a não desistir, comecei a perceber que existe sempre outra hipótese para aqueles que tentam.

A entrada no grupo trouxe-me também a possibilidade de poder analisar dois mundos antagónicos, o que vivemos no grupo, onde tudo é construído por nós e para nós, para servir de suporte quando estamos a ascender, ou então para nos amparar quando escorregamos no caminho, e depois temos o outro, que é onde a maioria das pessoas vive, a do mundo em que cada um luta por si e para si, onde deixamos que os outros caiam sem nos preocuparmos e onde sentimos inveja quando vemos os outros a ultrapassarem mais um obstáculo e atingirem algo de maior.

Tenho a certeza que vou continuar a mudar, só espero que continue a ser a caminho do topo da montanha que juntos temos trilhado.

Alexandra Ferreira



## O grupo como espaço de tomadas de decisão



A vida é um mar de descobrimentos onde existem correntes e ondas que podemos controlar ou não, ou simplesmente marés de oportunidades únicas que podemos aproveitar. São estas oportunidades que nos fazem descobrir e conquistar novas aventuras...

A PASEC foi mais uma das rotas que eu decidi percorrer e conquistar ao longo da minha vida. Nesta rota que escolhi fui levada a tomar decisões, enfrentar medos e problemas e conquistei pessoas que me ajudaram a alcançar os objectivos que pretendia.

O percurso que tracei no seio do meu grupo, os projectos em que intervi, as acções que dinamizei vieram demonstrar que vale a pena tomar decisões e perceber o quão é importante pertencer a uma estrutura grupal que nos permite partilhar ideais, problemas e tentar encontrar soluções.

Foi no seio de um dos encontros do meu grupo (Grupo Subterfúgio) que surgiu um questionamento que levou a uma decisão que mudou e continua a mudar a minha vida todos os dias: “Vou para a Universidade e luto pela carreira que eu quero, a de Animadora Sociocultural e Educativa?” ou “Vou trabalhar e aplico os meus conhecimentos base sobre animação, sujeitando-me ao que o mercado de trabalho me oferece?”. A minha vontade assentava num meio-termo, como se estivesse pendurada pelo próprio tempo, numa indecisão que me atormentava.

O facto de estar na PASEC e no Grupo Subterfúgio acabou por ser decisivo para a decisão que tomei. O suporte familiar e a base pedagógica que trazia do meu curso profissional de Animação SocioCultural foram os argumentos que faltavam para o:



“vou para a Universidade lutar por uma área de formação que me vai dar capacidades e competências para poder exercer acções no ramo que me dá “gozo” trabalhar... definitivamente quero ser Animadora”.

Foi desta forma que arrisquei e

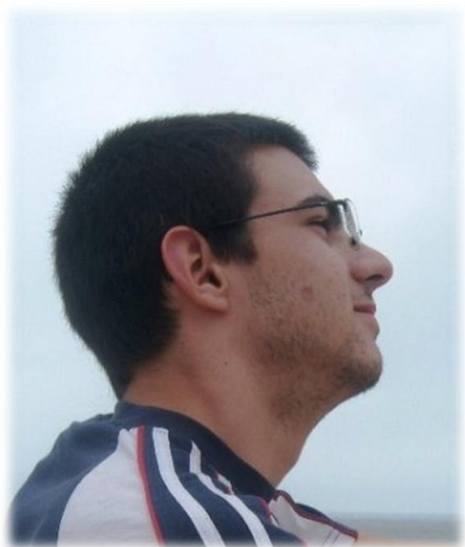
atingi o meu objectivo, entrei na universidade no curso pretendido.

A fase de adaptação a uma nova rotina, ter que conjugar duas realidades, ter que largar algumas actividades que já pertenciam ao meu dia-a-dia e que me davam um enorme prazer e realização pessoal e profissional, acabou por ser um processo facilitado. Foi uma questão de me adaptar às novas circunstâncias que a vida me impôs. O grupo também aqui assumiu um papel importante, porque quando este poderia acabar, porque estamos todas na Universidade, reforçou-se ainda mais. Chega a ser matemática a forma como conseguimos agendar as nossas reuniões. Todas prescindimos de momentos com as pessoas que não vemos durante a semana só para nos voltarmos a encontrar e reflectir sobre o mais nos importa. Nesta fase o grupo tornou-se num espaço de reforço da nossa própria identidade, onde partilhamos o que somos, o que fazemos e o que nos apoenta.

Neste texto quero sobretudo reforçar o papel do grupo no suporte ao processo de tomadas de decisão pessoal. Sem deixar de ser eu a tomar as minhas próprias decisões e opções, a estrutura grupal que integro permite-me reflectir acerca das minhas decisões tendo por base histórias de vida idênticas à minha e que serviram de suporte e orientação para algumas das opções que fiz e faço.

Ana Emília Andrade

### O Geocaching na minha vida...



Antes de tudo importa explicar o que é o Geocaching. Este é um desporto à escala mundial que consiste na procura e descoberta de tesouros simbólicos através de coordenadas orientadas por transmissores e receptores GPS. Existem milhões de tesouros escondidos por todo o mundo, em Portugal são largos milhares. Este desporto para além de melhorar as nossas competências de orientação e exploração espacial, permite-nos conhecer sítios inexplorados, património histórico esquecido e sobretudo melhorar a nossa relação com o meio envolvente.

A juntar a tudo o que já referi, de salientar que a Educação Ambiental e o Geocaching caminham de mãos dadas, faz parte das regras manter os locais exactamente como os encontramos. Para mais informações basta ir a [www.geocaching.com](http://www.geocaching.com) ou fazer uma pesquisa em qualquer motor de busca Web e boa aventura.

O Geocaching apareceu na minha vida do nada. Inicialmente era uma simples brincadeira com um GPS, mas viria a tornar-se muito mais que isso. O Geocaching é uma actividade lúdica que pratico sempre que posso, pois para além de me permitir o contacto directo com a natureza promove o trabalho de grupo. E é neste capítulo que ele foi especialmente importante. Sempre tive dificuldades de interagir com grupos que



não partilhassem dos meus interesses, criava uma espécie de casulo do qual era difícil de fugir. Através do Geocaching tudo aconteceu de uma forma muito natural.

Durante uma aventura de Geocaching com várias pessoas envolvidas a estratégia grupal é fundamental. Saber distribuir papéis, potenciar os canais de comunicação e reforçar as lideranças são pontos de afirmação importantes para que este tipo de incursões possam resultar. Comigo foi assim que aconteceu, passei de simples elemento de grupo a líder de equipa, tornei-me mais responsável, percebi a importância da planificação prévia e mais do que tudo, percebi parte do potencial que tinha adormecido.

Este caminho acabou por reflectir-se noutros patamares da minha vida, sobretudo no das relações humanas. O Geocaching acabou por se tornar na desculpa perfeita para juntar amigos, reavivar memórias e projectar novas aventuras. Hoje dinamizo actividades de Geocaching com grupos de crianças e adolescentes e passo para os outros parte da aprendizagem que o Geocaching me proporcionou.

José Luís Leite

### **Lutar contra a Bulimia....**

Tudo começa quando menos esperamos. A minha família não estava preparada para enfrentar uma realidade que para eles era tão distante, atrevo-me mesmo a dizer que nunca tinham ouvido falar. Na altura aconteceu tudo tão rápido, mas hoje, aqui sentada, relembro tudo como se estivesse acontecer agora mesmo. Percebo agora como foi tenebroso e doloroso para mim e para todos os que me amavam e sofriam ao perceberem como estava.



Hoje gosto de pensar que não passou de um pesadelo, mas depois chega o dia “daquelas malditas consultas” e lembro-me de tudo outra vez. Só o cheiro do Hospital deixa-me com dores de cabeça e,

nesses momentos, volto à minha antiga realidade e “tudo” volta com ela. Não quero voltar ao que era, não quero que tenham pena de mim, não quero sofrer mais e não quero voltar a fazer sofrer a minha família e amigos.

Não me lembro do dia certo em tudo começou, mas foi em meados de Fevereiro de 2009. Estava numa “daquelas fases” em que me encontrava revoltada com o mundo. Não me lembro do motivo, nem sei se havia motivo, a verdade é que acho que todos nós já passamos por momentos assim. Estava na escola com um grupo de amigos até que um diz “estás gorda”. Fiquei sem reacção, não sabia o que dizer, apenas me calei, mas aquelas palavras não me saíam da cabeça. Nesse dia lembro-me que não jantei, disse à minha mãe que estava mal disposta e a verdade é que ao olhar-me ao espelho achei-me gorda.

Foi assim que tudo começou. No dia seguinte não tomei o pequeno-almoço, não lanchei a meio da manhã, mas a verdade é que na hora de almoço senti fome mas apenas comi uma maçã e bebi uma água. As minhas amigas perguntaram-me se ia comer apenas aquilo, eu respondi que sim porque não tinha muita fome. À noite menti novamente à minha mãe. Disse que tinha lanchado com umas amigas no café e por isso não tinha grande fome. Nessa noite senti fome mas não comi... agora penso na



imbecilidade das minhas atitudes, mas naquela altura não conseguia agir de outra forma.

Foram passando os dias e percebi que já não conseguiria arranjar mais desculpas, mas quando comia só me apetecia vomitar e era mesmo isso que fazia... vomitava... e voltava a vomitar. Inicialmente, ninguém imaginava. Em casa ligava o chuveiro para que não me ouvissem a provocar o vômito. Na escola sempre foi mais fácil, ia sozinha à casa de banho e poucas vezes as minhas amigas me apanharam a vomitar. Nas primeiras vezes disse que estava mal disposta e com o passar do tempo acabou por se tornar num mau hábito. Claro que também comia mas o meu organismo rejeitava boa parte dos alimentos e assim, continuava a vomitar. Com o tempo, passei por momentos em que ninguém me podia tocar com um pouco mais de força porque imediatamente me queixava de dores. O meu humor, bem.... esse era tão difícil de gerir, tanto para mim como para os que me rodeavam. Discutia com toda gente.

O tempo foi passando... eu não aguentava mais, doía-me o estômago, parecia que me estavam a ferrar, mas a obsessão por emagrecer era maior e eu continuava, até que a minha mãe percebeu que algo estava mal. A minha roupa ficava-me larga, o período não me vinha. Foi então que a minha mãe me marcou uma consulta e finalmente.... deixei de viver o pesadelo sozinha. Pesava 33kg, sinceramente, não pensei que estivesse assim tão mal. A médica receitou-me vitaminas, fiz exames, e sim, foi diagnosticada Bulimia. Felizmente ainda estava no começo. A minha mãe começou a chorar e eu.... bem.... não sabia o que fazer e só me apetecia desaparecer e voltar quando tudo tivesse passado, mas não podia, não podia magoar ainda mais a minha mãe e todos aqueles que me rodeavam.

Já em casa a minha mãe contou ao meu pai e ele, sem perceber como reagir, nem sabia o que dizer. A verdade é que ele também não sabia o que era a Bulimia.

Depois destes acontecimentos tudo deixou de ser segredo. Já não ligava o chuveiro para não me ouvirem. Lembro-me como se fosse hoje a primeira vez que vi o meu pai a chorar. De manhã cedo levantei-me e a primeira coisa que fiz foi vomitar. Quando olhei para trás estava lá ele, a chorar mais a minha mãe. Não agüentei vê-los assim, senti-me um monstro, mas não conseguia parar, não tinha força suficiente. Na escola o meu grupo de seis amigas já sabia. A minha mãe tinha ligado para a Lurdes (minha amiga) a contar a situação para que ela me prestasse mais atenção.

Cheguei à escola e elas vieram abraçar-me, algumas já a chorar, e foi aí que percebi que já sabiam. Não sabia mais o que fazer, não conseguia parar.

Voltei novamente a um médico, neste caso médica. As vitaminas tinham ajudado mas num mês apenas engordei 1kg, pesava 34kg. A médica disse o melhor seria internar-me mas eu não queria, não queria mesmo e foi aí que me fez um ultimato “ou engordava ou internava-me”. Foi aí que percebi que não podia continuar... foi difícil, doloroso e demorou imenso tempo.

Percebi que precisava da ajuda dos outros, da ajuda do meu grupo de pares, daqueles que me acompanhavam. Para além do grupo percebi que sem a ajuda da minha família nunca teria conseguido. Dito assim até parece ter sido fácil mas não foi. De lá para cá tornei-me uma pessoa um pouco fria. Não sei até que ponto isso é bom ou não, a verdade é que parecia que tinha nascido uma nova Jana (nome fictício).

Ainda hoje tenho consciência que existem problemas e comportamentos que permanecem. O vício de não tomar pequeno-almoço continua e quando acordo as recordações dos momentos de vômito vêm-me constantemente à memória.

Hoje peso 40kg. Muitos de vocês ao lerem isto devem estar a pensar que é pouco, mas para mim 40kg e um ano sem vomitar são algumas das batalhas que consegui vencer. Mas todos os dias me pergunto se alguma vez vou conseguir vencer a guerra e até ao ano passado, ainda antes do mês de Outubro, pensava que não era possível. Foi por esta altura que entrei num grupo juvenil da PASEC. Ali encontrei mais um pilar e um grupo de amigos que não posso desiludir. Ali partilhamos quem somos, o que sonhamos, o que temos medo e sobretudo, quem desejamos ser e onde pretendemos chegar.

E assim tem sido a minha luta contra a incerteza... não sei se alguma vez o meu passado voltará a importunar-me mas é com enorme orgulho que olho para o caminho que já percorri com o apoio da minha família, amigos e o novo grupo que me acolheu.

Ainda é muito cedo para falar desta aventura que começou à menos de um ano mas já não imagino a minha vida sem eles, “sem nós”.

Jana, 19 anos (nome fictício)



**Palavras de uma viagem de autocarro...**

São precisamente 16 horas e 07 minutos neste momento, e o meu MP3 ficou sem bateria, uma “grande chatice”, porque o meu pensamento foi logo “Então e agora Graça Filipa? Fazes o quê em duas horas de viagem até casa?! Se tivesses posto o Mp3 a carregar antes um pouquinho de sair de casa eras mais inteligente, (o pior de tudo é que me lembrei mesmo de o carregar antes de sair, mas estava tão estatelada no sofá, que não me apeteceu nadinha dar-me a esse árduo trabalho). Parva, agora olha, aguenta-te... ou dorme um sono!”... depois de pensar e repensar, e de não conseguir fechar os olhos para dormir um pouquinho, decidi pegar neste caderninho A5, de argolas e capa preta, e escrever qualquer coisa, eu diria mais fazer como que uma descrição da minha situação de vida actual... isto dito assim parece ter grande interesse, mas na verdade...

Encontro-me num autocarro cheio de gente, com idades muito próximas à minha, e por mais desconhecidos que sejam, eu olho e sinto que estamos todos “no mesmo barco”.

Muitas vezes, durante as minhas duas horas de viagem, completamente solitária e observadora do mundo exterior a mim, olho a estrada que percorro, a mais ou menos 100km/h, e pergunto-me: “porque vamos quase sempre as mesmas pessoas para o mesmo sítio e à mesma hora?”... trocamos meia dúzia de palavras, um sorriso ou outro e depois isolamo-nos completamente. Uns contentes por, neste caso, a viagem de Sexta-feira significar que vamos para casa, e outros mais tristes por terem de ir para casa... mas cá para nós, eu sinto-me tão bem na viagem de Sexta-feira, é tão bom ir para casa, mas seria muito melhor se não existissem as viagens da Sexta-feira para ir para casa, porque era sinal que não teria existido a viagem de Terça-feira, quando vou para Coimbra... Depois eu paro, dou em mim um estalo imaginário, e grito comigo “oh Graça Filipa, outra vez não, tudo acontece com um fim, e esta etapa terá com certeza um fim grandioso”... então deixo-me relaxar mais um pouquinho no meu banco, rumo a Famalicão... Uns lêem um livro ou uma espécie de revista, outros ouvem uma musiquinha. Mas a grande parte vem a dormir, visto que a viagem é tão maçadora, que bastam cinco minutinhos do conforto do teu banco de autocarro e adormeces... juro que é o suficiente..., e aí as coisas simplificam-se, porque tudo passa tão mais rápido quando simplesmente nos “desligamos” do mundo...

A miúda que está sentada ao meu lado, no banco 22, está acompanhada por, supostamente, uma amiga, e desde que entramos em Coimbra não param de falar e partilhar as coisas mais íntimas em voz alta... consigo ouvir tudo perfeitamente... e

acho um “piadão”, porque... o que é que isto me faz lembrar? Eu e a Stéphanie (a minha companheira de sempre e que partilha o quarto comigo em Coimbra), como é óbvio!!! No semestre anterior também vínhamos, todas contentes... ou tristes... a contar a nossa vida toda a quem quisesse ouvir e a quem não quisesse ouvir... coitados... e então rio-me sozinha a imaginar tal coisa, sem ninguém perceber o porquê, só eu...



Nos meus momentos de reflexão, como este que estou a ter neste momento, penso seriamente no meu início de faculdade e as grandes dificuldades que tive para me integrar no novo grupo, na nova cidade, na nova casa, na nova rotina, na nova vida que é a vida de faculdade... vá lá.... ainda não passei quase nada para conseguir

comparar, ainda continuo no início de faculdade, mas já passei o suficiente para entender o que “é o ter de ser”. É uma questão de “open mind”, mas continuam constantemente as crises e as perguntas “mas será que quero mesmo isto?”, e é complicado porque parece que começa tudo de novo outra vez. As dúvidas e inquietações poderão ser boas para provocarem situações de crise, porque estes são aqueles pontos de viragem entre as questões positivas e negativas que permitem encontrar o equilíbrio. Apesar de serem boas estas questões que nos fazem dar passos em frente, dão um pouquinho de “nó no cérebro”, e tudo o que dá nó é uma “chatices”, porque tem de existir paciência para tentar desfazer o nó sem ter de o cortar...

Como grandes construções implicam centenas de nós, e não, não é uma frase de uma “escuteirinha” como estão a pensar certamente, eu quero fazer uma grande construção, e quero chegar ao topo da montanha e certificar-me que realizei grande parte dos sonhos com aqueles que me preenchem.

Preciso de passar por grandes “nós no cérebro” e grandes fases em que me apetece parar, recuar e voltar para trás, e mais uma vez Graça Filipa pensa, “mas tu já passaste por algumas “complicaçõeszinhas” e tudo se compôs de uma maneira ou de outra. Mas acham que sou capaz de perceber isto no imediato? Não, claro que não... ai... quem me dera!!!... era tudo mais fácil... primeiro passo por uma crise existencial, faço um grande filmezinho, daqueles que ninguém consegue escapar, e depois aparece alguém, ou acontece alguma coisa que me faz abrir os olhos, e me faz ver não só as

desvantagens das dificuldades mas também as vantagens, e como concluir o meu curso “é assim um daqueles grandes objectivos”...

Eu tenho de me certificar que me controlo nestes momentos, sim, porque eu complico um pouquinho e penso que não serei capaz de dar tudo... por isso mesmo vou falando com alguém próximo, com a Stéphanie, por exemplo.... e vamos afogando mágoas com toda a vontade de esganar Coimbra por nos ter embalado. O sentimento é mútuo... vamos desabafando e encontrando sempre soluções para escapar, mas o que é certo... é que lá estamos todas as semanas, dispostas a dar tudo para concluir o grande objectivo.

Vá, parece que estou a passar por uma grande tempestade e estou a exagerar “como tudo”, e poderei estar para alguns, mas o que é certo é que a mente humana é difícil de controlar, sobretudo nos aspectos mais minúsculos... e tudo se sente de todas as formas e maneiras e na minha cabeça isto passa-se constantemente e ultrapassa-me.



Sinto que tenho ferramentas para terminar a empreitada, à partida tudo indica que se chegarei ao fim com sucesso, e é isso que eu espero, basta querer e lutar, (ahh, que guerreira! 😊)!!! não, a sério...

Quando temos bases que nos deixam mais seguros daquilo que estamos a fazer o sentimento é outro, e é aqui que entra o grupo que animo, o Cosmos.

O grupo Cosmos, não posso deixar de referir, é uma das minhas bases, é o “nó direito” da minha construção, como aprendi nos escuteiros... o nó direito é a união de duas pontas... o grupo Cosmos é isso mesmo para mim, a união de uma solução a um problema, de uma palavra intemporal a uma frase desconhecido (que segundos depois passa a conhecida! Hhmm, interessante), é a união da vontade à experiência, é, se me permitem, o “vamos lá..”! E parece que não, dá incentivo, porque depois na minha vida rotineira de faculdade eu acabo por pensar nisso, se o grupo está disposto a dar-se e eu dar-me, não será difícil encaixar-me neste pequenino mar de gente da faculdade e a relacionar-me... e a resolver-me (E por falar em Cosmos, tenho de marcar reunião com eles, porque está na horinha).

Quando eu acabar a minha construção (na próxima eternidade...), e quando eu der os nós todos certinhos, vou continuar com paciência, mas “por amor de Deus” não os vou desfazer, e muito menos cortá-los porque vou querer mantê-los firmes e segurá-los até ao fim, porque assim vai significar que foi uma construção bem-feita e com um objectivo bem fixo... ora bem, consegui, e agora? Venha o próximo.

A viagem está a terminar, acabei de passar na portagem da auto-estrada, e reparei agora mesmo e fiquei a pensar... normalmente os Expressos passam na via verde, não é? Mas este parou, para pagar o ticket que retirou quando entrou na auto-estrada, também achei estranho, portanto achei por bem deixar aqui bem “registadinho e escritinho” que nem tudo tem de correr sempre como planeado, nem como imaginamos. Como este autocarro que me enganou “um pouquinho”, a vida é assim mesmo, como um autocarro cheio de gente diferente... então a vida de faculdade é a loucura total, cheia de imprevistos e uma mistura de emoções e sensações que nos



alteram um pouquinho o sistema, e nos deixam confusos, mas claro, mas vai correr tudo bem.

Vá, estou mesmo a chegar, vou guardar isto e prepara-me para o inesperado, é que é sempre assim! Até à próxima viagem!

Graça Filipa Marques Rocha





### **As Artes Marciais como forma de Inclusão...**

Pronunciar que as artes marciais são artes violentas torna-se “ofensivo” para quem as pratica. Como dizia o Sensei Funakoshi (um dos grandes Mestres do Karatê Shotokan) “No Karatê não existe atitude ofensiva”...

É importante percebermos o que está por detrás das artes marciais antes de fazermos qualquer tipo de crítica acerca das mesmas: estas não servem apenas para nos ensinar a defender ou proteger, mas sim para muito mais...ajudam-nos a crescer enquanto pessoas, a

desenvolver determinadas características essenciais para nos tornarmos pessoas capazes de enfrentar o mundo que nos rodeia e agir, sempre que necessário, de cabeça erguida, sem nunca baixar os braços e perder a esperança. Para que tudo isto possa acontecer é necessário ir à descoberta, tal como eu fiz.

Quando nos referimos à descoberta, não nos referimos apenas ao descobrimento do que são as artes marciais, mas sim descobrirmos o que elas nos podem trazer, de que maneira nos podem “transformar”. É importante percebermos toda a essência que rodeia o universo das artes marciais.



Começo então por fazer referência ao grupo de treino. É no seio dele que nos integramos neste meio e que somos acolhidos, no meu caso particular, foi da melhor forma que podia imaginar. Aos poucos fui-me apercebendo que treinar e participar em competições sem os restantes elementos já nem fazia sentido, pois sente-se falta do apoio daqueles que nos viram crescer e sabem aquilo que somos ou não capazes de executar. Depois de estarmos de tal maneira integrados nesta “família” com que nos identificamos, passamos a assumir cada vez mais responsabilidades, o que faz com que tenhamos consciência de que realmente fizemos a diferença neste meio. Esta diferença

que cada um de nós desenvolve traz algo inovador ao processo de afirmação, consolidação e crescimento do grupo.

Tenho problemas? Não me sinto realizada? Falta-me algo que me preencha? Então, eis aqui um grupo que me ajudou a ultrapassar todas estas dificuldades e que me dá a resposta a algumas delas.

No meio de tudo isto pergunto-me... afinal, para que serviram então as artes marciais?! ... Para me tornar na pessoa que sou hoje! No fim desta caminhada (descoberta), descobri-me a mim própria, ao meu entusiasmo, à chama que me faz emergir na minha própria escuridão... volto agora ao treino, a próxima etapa chama por mim.

Stéphanie Paiva







# Democracia Inclusiva e Extrema Exclusão

## Extrema Exclusão e Democracia Inclusiva

A Extrema Exclusão é dos temas mais polémicos em debate nos dias que correm. Quase ninguém lhe chama de Extrema Exclusão, mas como uma chaga a que não ficamos indiferentes, ela vai alimentando os noticiários e as histórias de vida de muitos jovens com que nos deparamos todos os dias. Contudo, não podemos referir que Exclusão e Extrema Exclusão são a mesma coisa. Exclusão é o acto de excluir algo ou alguém, de acordo com a situação ou motivo em causa, enquanto que, a Extrema Exclusão, passa por levar ao extremo tudo aquilo que pomos de parte ou que não temos solução para, ou seja, a Extrema Exclusão, remete-nos para uma visão de algo que está no limite e aqui podemos referir alguns exemplos como: a pobreza extrema reflectida em situações como as crises humanitárias e a fome, os dramas sociais dos cidadãos sem-abrigo, as crianças soldado, o bullying nas escolas, entre outros.

No nosso dia-a-dia deparamo-nos com variadíssimos cenários de Extrema Exclusão



que afectam todo o tipo de grupos sociais. São usuais os problemas com grupos provenientes de diferentes etnias e minorias, sobretudo entre os mais jovens. Não foi uma nem duas vezes que o jornal televisivo abre com mais uma situação de

confrontação de grupos juvenis, de racismo entre moradores de bairros sociais ou de crimes movidos pelo preconceito. E são estas problemáticas que nos levam a pensar no que é que poderá ser feito para combatermos os fenómenos de Extrema Exclusão, cada vez mais banalizados cada dia que passa.

Neste sentido entrevistamos vários jovens e técnicos que lidam directamente com esta realidade. As entrevistas estão retratadas em detalhe no capítulo das Entrevistas.

Os entrevistados quando questionados sobre a representação que têm sobre Exclusão e Extrema Exclusão somos remetidos para dois campos de análise distintos. Por um lado, os jovens e adolescentes entrevistados remetem a exclusão para a terceira pessoa, como algo que reconhecem mas que não lhes diz respeito, situação que ganha outros contornos quando contam as situações de exclusão pelas quais passaram. Por outro lado, todos identificam a exclusão como o acto de colocar à parte, de ausência de oportunidades.

Do ponto de vista dos técnicos a Exclusão e a Extrema Exclusão são o resultado de um conjunto de problemas que nos remetem para uma realidade mais ampla e

complexa de que todos são responsáveis, acentuando que o conceito de Extrema Exclusão pode ser muito ambíguo, tendo sido referido que muitas vezes são os próprios jovens a auto-excluir-se.

Todos os técnicos e jovens entrevistados contaram histórias em que foram vítimas ou observadores directos de fenómenos de Exclusão, salientando a cada vez maior banalização de um conjunto de situações e problemas que deveriam ser a excepção à regra.

Quando questionados sobre a forma de fazer face aos fenómenos de Exclusão promovendo um conjunto de práticas próprias da Democracia Inclusiva todos concordam que este trabalho passa sobretudo pelas metodologias participativas, assentes numa pedagogia participativa, própria da Educação Não Formal.

Alertaram que crianças, adolescentes e jovens têm direito a expressar a sua identidade e os seus pontos de vista e que isso se deve traduzir ao mesmo tempo em decisões próprias, sem no entanto descuidar que estas devem ser filtradas e acompanhadas pelos técnicos, educadores e outros agentes



educativos que operam com eles directamente. Ficou claro que para os entrevistados, nomeadamente os técnicos, o processo de tomadas de decisão é um processo de aprendizagem sinuoso, complexo e sem uma receita universal, mas fundamental no desenvolvimento psicossocial de qualquer jovem ou adolescente. Pelas entrevistas percebemos que os entrevistados pensam que se pretendemos implementar metodologias e acções fomentadoras de uma pedagogia de Democracia Inclusiva, dar o direito de opinião e decisão aos jovens não é só um imperativo técnico, é antes o compromisso que cada um assume de preparar os jovens para serem cidadãos completos, responsáveis e interventivos. É mesmo referido que não podemos esperar que um jovem seja capaz de tomar boas decisões se nunca lhe foi dado a oportunidade de tomar algumas más, cabe depois ao agente educativo que o acompanha ou à família, estabelecer o equilíbrio entre o direito de decidir e o dever de respeitar a decisão dos outros, nomeadamente a dos responsáveis pedagógicos envolvidos no processo. É também referido que tão importante como o direito de decidir, é fundamental que os jovens percebam a importância do dever de ouvir. Não existe um real processo de Democracia Inclusiva se estes dois vectores não estiverem presentes.

Outras das metodologias referidas como forma de combater a Extrema Exclusão e promover a Democracia Inclusiva foi o trabalho de formação intensiva no seio de um grupo informal juvenil projectado no tempo, ou seja, no seio de um grupo de pares que conhece vários anos de existência permitindo a maturação das relações e o aprofundamento de uma identidade grupal comum.

Foi referido que é em experiências como estas que é possível perceber o potencial individual de cada um, a forma como vêm o mundo e a verdadeira relação que mantêm com os valores que abraçam. O grupo como estrutura informal, mas pedagogicamente orientada, é visto como o laboratório perfeito para treinar e adquirir competências sociais, para gerir processos de conflito, reforçar a autonomia e autenticidade de cada um dos indivíduos que compõem a estrutura grupal num ambiente de partilha e reflexão comum que tem nas histórias de vida de cada um o ponto de partida para a matriz identitária que o grupo constrói com o tempo.



Como combate aos fenómenos de Extrema Exclusão juvenis, este tipo de metodologia híbrida e flexível é vista como a resposta mais passível de obter sucesso, sendo que

os jovens entrevistados vítimas de fenómenos de exclusão se encontram todos eles inseridos em grupos de vária índole, nomeadamente nos grupos das Escolas Abertas do Projecto Dimensão Cosmos2.

Quando questionados que mensagem deixariam os entrevistados às outras vítimas de fenómenos de Exclusão e Extrema Exclusão, ficam ideias de apelo como a não dependência de terceiros e a emancipação autónoma de cada um e a perspectiva de esperança que todos os técnicos que operam com estes fenómenos deveriam assumir no seu trabalho de terreno “acreditando que o dia de amanhã será sempre melhor que o de hoje, permitindo que as sementes dêem lugar à árvore, e a árvore aos frutos”.



# Histórias e Experiências de Democracia Inclusiva



**Perceber que ao fim de dez anos começamos todos os dias...**

O tempo passa como um furacão e nem nos apercebemos que com o tempo fomos ultrapassados pelo próprio tempo sem que o nosso próprio tempo desse por isso. E é nesta confusão de processos que acertamos, erramos, redescobrimos, filtramos e alcançamos caminhos. E reforço a ideia de caminhos porque os lugares onde paramos são meros pontos de passagem numa constante cavalgada que só termina no dia em que paramos de nos penitenciar pelos erros que cometemos.



E é um pouco sobre esses erros e acertos que todos cometemos ao longo do caminho que gostaria de reforçar na reflexão de hoje.

Fez no dia 7 de Março de 2011 10 anos que nasceu o Grupo Cavaleiros numa espécie



de segunda versão. Quando digo segunda versão refiro-me ao facto de que na origem da PASEC esteve o grupo informal Cavaleiros que conheceu o seu início por volta de 1994, embora as iniciativas mais significativas tenham começado em 1996. E foi devido à acção do primeiro Grupo Cavaleiros que nasce em 2001 este novo grupo, na altura com o nome Mini-Cavaleiros Campeões.

Mas o tempo passa e em meados de 2005 o grupo Cavaleiros conhece o seu epílogo. Os Mini-Cavaleiros continuam, tendo alterado o nome para Cavaleiros em 2007. Substância histórica à parte, entre 2001 e 2011 tudo mudou, embora muitos dos pilares permaneçam os mesmos, um deles o processo de educação não formal que esteve na origem do grupo.

O grupo tem hoje dez elementos, mas foram largas as outras dezenas que em determinada fase do seu ciclo vital o compuseram. A juntar a estas dezenas de crianças e adolescentes foram também alguns os Animadores que o grupo conheceu, pelas minhas contas cinco: primeiro o Bernardo e a Mayra, seguiu-se o Luís, mais recentemente a Patrícia e hoje a Bruna. De toda esta panóplia de personagens, ficaram para contar a história desde os primórdios, o Bernardo, que não sendo Animador do grupo é hoje Vice-Presidente da PASEC, o Bruno, a Ana e o Alexandre, que têm dez anos “de casa”.

Pelo meio deste caminho cheio de desvios, devaneios, momentos ocultos, cerimónias irreais e experiências avassaladoras foram muitos os erros de casting, as “metidas de pata na poça” e os enganões que nos magoaram, deram forma e nos trouxeram até ao que somos hoje. E vou começar por abordar esses mesmos erros na pele de Pedagogo e Animador.

O papel de Animador pode ser ingrato porque a influência e papel que desempenha na vida de cada um dos elementos do grupo está sempre na fronteira entre o que é certo e errado, na linha que pode separar um processo de manipulação de um processo de emancipação e capacitação. Estive já certamente nas duas situações, mas o que torna legítima este nosso papel que pode cair para qualquer um destes lados?

Não é fácil responder porque não podemos avaliar o nosso desempenho apenas com base nos resultados que alcançamos, estes são sempre variáveis e dependem dos olhos de “quem os vê”. Penso que a resposta mais simples é termos a consciência de que tudo o que fizemos, independentemente dos resultados, foi com a intenção de deixar o mundo “um pouco melhor do que o encontramos”, aceitando os nossos momentos de “soberba” como fogachos que servem de lição e as fortalezas humanas que ajudamos a erguer como um privilégio que nos permitirá cumprir mais uma etapa do papel que escolhemos desempenhar.





Não vale a pena nos assumirmos como plenos de boas intenções porque mesmo que em boa parte da nossa acção tenha por base os nossos bons intentos já todos erramos e assumimos posições “absurdas” conscientemente pelas mais variadas razões. Eu não sou diferente. E é na consciência destes factos que podemos diagnosticar a qualidade do trabalho que realizamos. É no conhecimento das causas e consequências do mau trabalho que fizemos que melhor poderemos avaliar os bons trabalhos que estamos a fazer e mais importante, que queremos e perspectivamos fazer.

Com o tempo este estado de consciência assume o formato de “alarme introspectivo” que nos mantém alerta sobre nós próprios, não permitindo que o absurdo vença em formatos ainda mais absurdos. Como todos os sistemas de alarme, este é igualmente falível, mas reajustável e flexível na igual medida da nossa experiência. Consoante as etapas que percorremos, este mecanismo tornasse cada vez mais complexo, completo e capaz de nos auxiliar num maior e mais vasto conjunto de situações.

Assim, tendo por base os pressupostos anteriormente referidos, tenho orgulho nos caminhos que ajudei a traçar, nomeadamente no Grupo Cavaleiros actual. Mas este “quase sucesso” eternamente inacabado só se proporcionou porque tive a oportunidade de experimentar, de testar em Laboratório as fórmulas que considerava mais ajustadas, combinando-as com a partilha de experiências com “Mestres de Caminhada” que me formaram e permitiram perceber e interpretar outros saberes e fórmulas de que hoje faço uso. A consciência destes dois suportes (de que precisamos de ter a oportunidade de experimentar e a humildade para a aprender) auxilia-nos a perceber quando precisamos de ajuda, informação ou mudar de caminho, porque em alguma fase do nosso percurso estivemos, fizemos parte ou fomos interpelados pelo caminho de outrem.



Compete-me agora abordar a antítese do erro, o “darma” (prémio) de dez anos a acompanhar o Grupo Cavaleiros, as lições, o “legado”, a pedagogia implementada,

porque não é tão usual assim um grupo informal de jovens subsistir e se erguer no tempo acompanhando as diferentes fases da vida dos seus elementos.

Para começar é preciso ter alguma sorte, depois muito entusiasmo e por fim o compromisso de que queremos aquele caminho. Depois de conjugarmos todos estes factores é essencial percebermos e termos a noção de processo e que este se constrói com base nas relações humanas, porque antes de tudo estamos a trabalhar com um grupo de pessoas que procuram a sua satisfação e realização pessoal.

Conscientes que estamos perante um processo grupal, este deve ter como ponto de partida as histórias de vida dos elementos do grupo, a suas experiências, as suas capacidades naturais. Um plano de acção inicial com base nestes pressupostos permitir-nos-á perceber o que o grupo como um todo, os seus constrangimentos, para onde pode caminhar e onde deve e pode ser reorientado. E depois, é deixar o grupo crescer, errar, voltar a errar, tentar e por fim, se houver tempo, acertar.

Com o tempo a relação de aprendizagem vai mudando, sendo que o que sentimos que estamos a dar e “ensinar” assume uma natureza recíproca. O Animador deve assumir



uma postura de abertura e disponibilidade para aprender com o grupo que está a orientar, mesmo que não o demonstre. As lições mais valiosas para gerir um grupo estão nas entrelinhas de uma conversa, no detalhe de uma acção que nos passou ao lado, no resultado que não previmos. O grupo nunca é sobre nós, é sempre sobre “eles” e de que modo “eles” e “nós” somos ao mesmo tempo.

Durante este processo de descoberta mútua o Animador deve estar preparado para as encruzilhadas do caminho, sobretudo aquelas com que nunca lidamos. Exemplos, imaginem que descobrem que um dos elementos do grupo se emergiu no universo das Drogas, que um deles foi preso ou ainda que um deles é vítima de violência doméstica. O que fazer numa destas situações para as quais nunca fomos preparados? A resposta pode ser impossível, mas a nossa presença é inevitável.

Por outras palavras, independentemente dos apoios e suportes que procurarmos para lidarmos com a situação no concreto, a nossa presença na relação directa com o problema é a oportunidade que temos para aprender, mais uma possibilidade que temos para fortalecer os laços em quem confiou em nós e sobretudo para testarmos a

nossa resiliência, persistência, capacidade para gerir as nossas próprias frustrações e momentos de crise comuns.

Durante este caminho vamos ainda aprender a desaprender, a deixar de parte os preconceitos, a não considerar receitas universais (porque cada caso é um caso, e cada problema tem uma resposta diferente) e, sobretudo, a equilibrarmos a forma como abordamos os problemas criando uma matriz própria assente em valores que partilhamos com o grupo. Ao mesmo tempo vamos aprendendo a gerir a nossa Inteligência Emocional sem nunca descorar o processo formação contínua de melhoria e ampliação do quadro de técnicas pedagógicas que dominamos.

E entre todas as coincidências, acertos e erros, a principal lição que fica é que mesmo ao fim de dez anos continuamos a começar todos os dias... fazendo do amanhã o desafio seguinte que nos desperta o entusiasmo e o compromisso com base na fé que nunca é sobre nós... é sobre “eles”... porque afinal sou o que sou, em virtude do que todos fomos, somos e seremos.

Abraão Costa

**Trabalhar numa Casa de Acolhimento de Jovens de Risco...**

Como é que um trabalho pode ser tão frustrante e compensador ao mesmo tempo? Não sei se vos consigo dar uma resposta. Sei apenas que são duas vertentes que andam lado a lado no trabalho que desempenho dia-a-dia.

Na Instituição onde trabalho, um Lar de Infância e Juventude, acolhemos crianças e jovens (apenas rapazes) com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. Chegam à nossa Instituição por intermédio dos técnicos da Segurança Social ou Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, que sinalizam o problema e que consideram ser uma situação de risco. Depois de todas as estratégias ou respostas possíveis estarem esgotadas, resta a Institucionalização. Esta é a última medida de Promoção e Protecção prevista na lei. Aqui surge-nos outra questão: seremos nós, enquanto Instituição, a última hipótese para estas crianças e jovens? É talvez uma posição ingrata, mas ao mesmo tempo desafiadora.



Actualmente chegam-nos cada vez mais pedidos para acolhermos jovens adolescentes com os seus 14, 15, 16 anos. Não é difícil de ver que nesta fase, quando tudo o que foi feito não resultou, pouca margem de manobra nos sobra. Entretanto, este jovem já cresceu, ganhou força e todo o seu historial pesa imenso na sua personalidade. Cá está uma parte do lado “frustrante” deste trabalho. No meu ver, estes jovens deviam ter sido “agarrados” mais cedo. Agarrados, no sentido de não permitir que a situação de risco em que se encontravam, se tivesse prolongado por tanto tempo. Por seu lado, as



crianças mais novas que também acolhemos, levam-nos a acreditar que o trabalho que se pode realizar com elas tem mais hipótese de resultar positivamente. Ainda se encontram na fase de formação da personalidade, não estiveram tanto tempo expostas a comportamentos de risco e, portanto, estão mais predispostas a trabalhar competências facilitadoras de uma vida mais equilibrada e com perspectivas de futuro.

Cada criança e jovem beneficia de um Projecto Socioeducativo Individual que abrange a vertente familiar, institucional e escolar. A equipa multidisciplinar, que gere cada processo, é responsável por articular com as entidades oficiais, com as famílias, com a escola e toda a comunidade envolvente, aquele que é o projecto de vida de cada criança e jovem.

A articulação com as entidades oficiais é essencial para a definição dos contactos que serão efectuados entre as crianças/jovens e a família e para se decidir a alteração ou manutenção da medida de Promoção e Protecção. Por seu lado, o acompanhamento às famílias possibilita-nos avaliar em que medida se estão a esforçar por alterar os comportamentos que levaram à retirada da criança/jovem e se, (existindo contactos regulares) os contactos com as crianças/jovens são de qualidade. Neste campo, infelizmente, são poucas as famílias que assumem existir qualquer problema e a situação mantém-se e, em algumas situações, tiram partido dela. Refiro-me à procura de todo o tipo de subsídios e apoios possíveis. Por outro lado, e agora aponto outra vertente “frustrante”, desresponsabilizam-se por completo da educação e acompanhamento dos filhos, alegando que estão muito bem na Instituição. Outras vezes boicotam-nos o trabalho de meses.

Quanto à Escola, é sem dúvida um aliado, e mantemos uma relação de proximidade com os professores. O nosso público adolescente é, quase na sua totalidade, frequentador de Cursos de Educação e Formação, na medida das suas capacidades, e os mais novos frequentam o ensino regular. O acompanhamento no estudo é sem dúvida uma das grandes batalhas diárias que temos. As nossas crianças e jovens têm muitas dificuldades de aprendizagem, agravadas pelo facto de não gostarem da Escola. Salvo as excepções que nos enchem de orgulho, por vezes não pelas notas, mas pelo empenho. E nestes casos é absolutamente “compensador”. Por último, a articulação com a comunidade envolvente prende-se com a integração de algumas das nossas crianças e jovens na catequese, na música e na dança, em grupos de jovens, como os Escuteiros e a PASEC (Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais) e em grupos desportivos, como as escolinhas de futebol e os clubes de andebol.

Acreditamos que o convívio com outras crianças e jovens e o contacto com actividades diferentes são mais-valias na integração de cada um na sociedade, e alargam horizontes.

À Instituição onde trabalho chegam-nos imensos voluntários com vontade de colaborar connosco. Esta é sem dúvida uma forte ferramenta da qual dispomos no

trabalho com as crianças e jovens. Para além de serem novos rostos, são novas ideias, novas visões, novos parceiros. Através deles, conseguimos desenvolver actividade que, sem eles, não seria possível por falta de recursos. O apoio ao estudo é sem dúvida a área em que temos mais apoio de voluntários. Priorizamos o apoio individualizado aqueles que se assumem como casos mais urgentes, e tentamos debelar algumas das dificuldades evidenciadas. Por outro lado, temos as nossas actividades de desenvolvimento pessoal e social. São elas: futebol, rugby, culinária, música, percussão e teatro. As crianças e jovens estão distribuídas nas actividades que gostam e nelas aprendem, descobrem e desenvolvem novas capacidades. A par destas actividades, desenvolvemos dinâmicas relacionadas com o tema de cada mês. Todos os meses é trabalhado um dos temas sugeridos por todas as crianças e jovens no início do ano. Isto porque acreditamos que a educação deve ser participativa, numa perspectiva não só para eles mas com eles. É absolutamente “compensador” o resultado que podemos observar resultante da participação de todos nas várias actividades. E é sem dúvida uma forma de valorização e protagonismo para cada um.

Estas crianças e jovens acreditam pouco nelas e, sem se aperceberem, são levadas a



descobrir pequenos dons que fazemos questão de evidenciar e alimentar através das actividades que desenvolvemos. Mas tudo isto não é tão simples como possa parecer. Quando preparo cada actividade sinto sempre alguma ansiedade, porque nunca sei o que esperar. Nem sempre o grupo está disposto a colaborar e participar e, por vezes, boicotam por completo a acção que pretendemos empreender.

Quando comecei a trabalhar na minha Instituição, as ideias que levava eram novidade, e o entusiasmo foi muito. Mas entretanto, passei a ser mais uma pessoa comum, que está ali todos os dias. O “entusiasmo” transformou-se em “tem que ser”. Mas no final, contra todas as expectativas iniciais do grupo, as ideias que levo (traduzidas nas acções que preparo com eles) acabavam por ser do seu agrado e ficam todos surpreendidos.



A dificuldade de lidar com o seu desinteresse por “tudo” é no mínimo esgotante. Trata-se de ultrapassar a barreira do “não me apetece”, “não preciso disso”, “não sei fazer”, “que seca”. E tratando-se do público em questão, a “liberdade de escolha” não pode ser encarada literalmente. Por “escolha”, ninguém estudava, ninguém tinha horários, ninguém tinha regras e ninguém tinha que participar em actividades. Como Educadores o nosso desafio é mostrar-lhes uma outra perspectiva. A perspectiva da participação, da valorização pessoal e da autonomização consciente e responsável. E tal só é possível com a aquisição de ferramentas básicas, que tentamos disponibilizar todos os dias.

O lado frustrante deste trabalho prende-se com a dedicação e entusiasmo que imprimo em cada prática e que muitas vezes não resulta qualquer feed-back. É uma sensação de que cai tudo em “saco roto”. Num dia somos as pessoas “mais especiais”, no outro desafiam-nos e enfrentam-nos com o olhar mais frio que têm. Ficam felizes porque ofereceram coisas novas para levarem para casa e para eles. No momento a seguir, já estão a destruí-las. Agradecem-nos o trabalho que fazemos com eles, e no dia seguinte, por força das circunstâncias, já somos os maus da fita. Adquirem hábitos saudáveis e, numa ida a casa, esquecem tudo o que aprenderam. São capazes dos actos mais bonitos e dos mais assustadores. Mas no final das contas, o lado “compensador” é mais forte do que qualquer outra coisa e faz-nos acreditar que tudo vale a pena. Tentamos, insistimos e continuaremos a fazê-lo. Todo o trabalho vale a pena mesmo que saibamos que apenas alguns tirarão partido dele. Quanto a outros, o ciclo irá repetir-se e nós estaremos prontos a acolher os vindouros e tentar de novo. Restam-nos o lado compensador daquele sorriso, daquele prémio, daquele que se destacou como o melhor aluno, daquele que diz “precisas de ajuda”, daquele que sempre te cumprimenta, daquele que pede um beijo antes de dormir, daqueles que se vão embora e voltam para nos visitar. Um dia ouvi que um Animador é um “gestor de frustrações pessoais”. Hoje, para mim, essa frase faz todo o sentido!

Ana Costa

## **Os modelos de integração dos movimentos associativos de inspiração religiosa e os movimentos associativos de inspiração política**



Os movimentos Associativos tiveram sempre uma enorme importância na vida de todos os Portugueses, tanto nos adultos como nos mais novos.

Há vários tipos de movimentos com diversas finalidades que em muito têm contribuído para a integração dos mais jovens na sociedade, papel esse, que tende a passar irreconhecível pelo poder político. Se atendermos em particular a dois tipos distintos de movimentos associativos, como são os movimentos associativos políticos e os movimentos associativos religiosos, facilmente reparamos que são mais os pontos que partilham, que aqueles que os dissociam.

Com efeito, ambos têm realizado um trabalho globalmente positivo na mobilização dos jovens e na incorporação das regras sociais nos mesmos, contribuindo para uma menor exclusão e fomentado a integração total destes na sociedade.

É certo que nos últimos 20 anos estes dois movimentos têm acompanhado uma menor tendência de mobilização dos jovens, em particular junto daqueles cuja interacção com estes movimentos é apenas indirecta. Não se pode ocultar o facto dos jovens estarem cada vez mais dissociados dessas duas realidades, a religião e a politica. Outros dos imbróglis que leva ao afastamento dos jovens destas realidades, é que a sociedade actual acelerou vertiginosamente os seus “supostos níveis de desenvolvimento”, e de alguma forma estes movimentos não acompanharam as mudanças sociais existentes. Se por um lado é possível verificar com facilidade um certo envelhecimento da classe política, a igreja para além desta realidade, tende a estar ainda condicionada pelas linhas de actuação mais duras e conservadoras que a torna menos atractiva para as comunidades jovens.

Para reverter a situação é necessário que estes movimentos desenvolvam um trabalho de base mais persistente tendo por base uma renovação de métodos, pessoas e ideias. Os novos problemas com que os jovens lidam no dia-a-dia carecem destas duas instituições em particular, se não uma nova abordagem, pelo menos uma reflexão exaustiva acerca dos seus principais papeis na comunidade.

Não obstante o referido, importa igualmente salientar a importante função que estas instituições, a quem apelido de movimentos de inspiração politica e religiosa, têm, numa perspectiva de integração dos jovens, em particular daqueles que estão mais

expostos, daqueles a quem por falta de melhor definição chamamos de jovens em risco.

As Associações e movimentos de inspiração religiosa têm já por génese, um trabalho de caris mais social, de solidariedade e por isso acabam por estar mais conscientes e mais atentas a este tipo de realidades. Apoiados e patrocinados pelo aparelho da igreja em particular, estes movimentos trabalham com jovens de realidades muito complicadas, e ao contrário do que se julga, o seu trabalho de evangelização é completamente secundário face ao modo como globalmente actuam. São normalmente pequenos grupos, em muitos casos com uma ligação clara à paróquia como são os grupos da catequese. A título de exemplo, nos últimos anos apostou-se na colaboração de catequistas mais jovens, de outra geração, capazes de criar uma maior empatia com os jovens e cativa-los para uma caminhada pessoal, mais do que a um qualquer caminho da ou pela Fé. Existem também muitos grupos, com modelos de funcionamento semelhante, assente numa lógica de educação não formal, e que pretendem assim ser uma alternativa e uma complementaridade, não só aos demais serviços da igreja, mas também aos da sociedade civil em geral. Estes movimentos que não funcionam na alçada directa da igreja, são ainda assim tutelados em última análise pela mesma, já que estes movimentos tendem a responder a um bispo e a uma diocese em particular.



Nesses grupos estão movimentos como a JOC – Juventude Operária Católica, MAAC – Movimento Apostolado de Adolescentes e Crianças e o CNE – Corpo Nacional de Escutas. Este último é de todos o mais conhecido e mais abrangente, tendo ganho uma enorme credibilidade por todos os países onde está representando, Portugal não é excepção. São muitos os jovens que estão ou já passaram pelos escuteiros, beneficiando dos ensinamentos da missão e dos valores que fazem deste movimento,

um dos mais conceituados em Portugal. Muitos jovens encontraram aqui um rumo para as suas vidas, um rumo que os retirou de cenários familiares altamente gravosos, e que lhes deu na educação, uma porta para o ensino e para a aquisição de competências que os auxiliam nas suas caminhadas para a verdadeira integração na comunidade.

Num outro registo ligeiramente diferente, interessa verificar como é que os movimentos de inspiração política lidaram com os fenómenos da exclusão social e o seu papel no combate á mesma.

Sé é bem verdade que os movimentos políticos juvenis não têm por princípio o trabalho com jovens em risco de exclusão, não é menos verdade que de forma directa e indirecta têm contribuído, à sua maneira, para a minimização deste problema. São duas as formas de acção destes movimentos. A primeira, pela incorporação dos mais jovens nas direcções políticas dos partidos a que pertencem, funcionando como lóbi juvenil no processo de decisão política, influenciando o partido, propondo e redigindo propostas lei e zelando pela defesa dos mais jovens. A segunda forma de intervenção é a mobilização juvenil que fazem logo a partir do secundário, com especial incidência para o Partido Comunista, que conta com uma tradição muito grande neste aspecto. O funcionamento destes grupos é essencialmente local, com representação concelhia, mas respondem a um líder eleito a nível nacional. Estes movimentos têm um enorme peso na desmistificação da politica para os mais jovens, ao mesmo tempo que os faz sentir mais próximos da sua comunidade e mais interligados com o próprio País e com os processos democráticos do mesmo. Estes ensinamentos têm igualmente por base a educação não formal, funcionando em grupos pequenos com acções locais, mas estando presentes aquando da necessidade do aparelho partidário, integrando e dinamizando as diversas acções de campanha. Se alguma animação e alguma alegria existe nas campanhas politicas, a muito se deve a este jovens.

É sobretudo pela actividade, pela dinâmica e pela forma de funcionamento que estes movimentos tendem a ser atractivos para alguns jovens. Contudo, o seu trabalho passa ainda muito ao lado das realidades mais complexas como são o caso dos jovens em risco. A sensibilidade para com este assunto provém mais da própria pessoa que ocupa a liderança do grupo, do que de alguma directiva do próprio movimento.

Ambos os movimentos têm um papel muito importante na formação que dão aos jovens e no inculcar de valores essenciais. Ainda assim, estes movimentos carecem de uma acção e até de uma política mais interventiva no que diz respeito à integração dos jovens, em particular, daqueles que estão mais sensíveis às realidades sociais desfavoráveis.

As recentes mudanças da realidade socioeconómica portuguesa obrigam a uma maior atenção por parte de todos aos efeitos da mesma, em especial para aqueles que mais



sofrem com a falta de apoios sociais, com o desemprego, com o abandono escolar e com a exclusão social num sentido mais lato.

Parece-me justo afirmar, que apesar de não terem em especial uma vocação para a inclusão juvenil, não é menos verdade que apesar disso o seu papel na comunidade propicia a educação de certos valores para público jovem é sempre susceptível a um comportamento desviante.



Não posso finalizar sem antes enaltecer o trabalho por vezes aparentemente fugaz destes movimentos, em particular pelo enorme potencial que os mesmos têm em inculcar aos jovens os valores solidários e sociais, visto que podem e devem redireccionar a sua acção para que esta passe de uma forma mais incisiva pelos jovens, não tanto pelos filhos dos militantes, mas sobretudo por aqueles que de alguma forma já se encontram afastados da sociedade e que de forma infeliz apenas conseguimos apelidar de jovens em risco.

Talvez seja tempo para uma nova política por parte dos movimentos associativos religiosos, e de uma moral diferente dos movimentos associativos políticos.

Nuno Alexandre Simões

### A construção do “eu” com base... num “Campo de Formação”



Grande percentagem da vida do ser humano é vivida em grupo. Quando nascemos somos acolhidos no seio do grupo familiar, de seguida integramos o grupo da escola e o grupo de amigos e, futuramente, o grupo de trabalho. Mas é na adolescência que o grupo de amigos assume um papel fundamental, sobretudo na construção da sua identidade. O jovem integra-se no grupo de amigos como forma: de satisfazer as suas necessidades físicas, de segurança, sociais, de afirmação do eu e de auto-realização; de alcançar objectivos parciais ou grandes metas na vida que o grupo possibilita. (Manual de Simbologia Grupal, p.22, 2010).

São diversos os tipos de grupos de jovens ligados aos mais variados campos de interesse. Entre eles, os grupos que se encontram ligados directamente a causas, dependentes ou não de estruturas superiores organizadas e, que com o argumento de quererem mudar o meio envolvente, dão forma ao movimento juvenil oficial e informal potencialmente promotor do desenvolvimento local. (Manual de Simbologia Grupal, p.24, 2010) Como exemplo, temos a PASEC – Plataforma de Animadores SocioEducativos e Culturais. Esta associação integra diversos grupos de jovens de idades variadas onde as fragilidades sociais são uma constante, por isso muitos destes grupos surgiram como forma de dar respostas às múltiplas fragilidades sociais vividas pelos mesmos. Estes jovens são muitas vezes vítimas do desemprego, da violência doméstica, alcoolismo, insucesso escolar, entre outros cenários que revelam a base menos sólida da nossa sociedade.

De uma forma geral, todos os grupos assumem particularidades que os tornam diferentes entre si. Os grupos PASEC são diferentes, no sentido, em que a metodologia de trabalho tem como alicerce a Simbologia Grupal. Isto é, a Simbologia permite reflectir e reforçar a identidade de uma estrutura grupal virada para um quadro de acção concreto, com valores e ideais próprios. A Simbologia é no fundo, dito de uma forma simples, a imagem da identidade do grupo, dos traços que “os e nos” distinguem dos outros grupos. (Manual de Simbologia Grupal, p.25, 2010) No entanto, a Simbologia Grupal tem como princípios essenciais:

- permitir ao indivíduo amadurecer o seu processo de desenvolvimento pessoal e social com o recurso a elementos simbólicos partindo de um processo de revisão da vida grupal;



- desenvolver no sujeito competências ao nível das tomadas de decisão, da construção da sua auto-imagem, auto-estima e do seu auto-conhecimento recorrendo à investigação e imaginação;

- desenvolver o espírito de uma vida em grupo com base no compromisso pessoal no seio do grupo num processo continuado que tem como base a coesão grupal alimentada pela reflexão.

A Simbologia Grupal investe claramente em dinâmicas de grupo e técnicas de introspecção, partindo dos métodos participativos e activos próprios da pedagogia participativa. A Simbologia Grupal é um processo grupal, mas assume de forma clara uma dimensão individual de auto-descoberta e investigação. O indivíduo constrói o seu próprio processo integrado no processo grupal. Procura perceber o seu potencial, as suas características inatas e adquiridas partindo da sua história de vida e das experiências que mais o marcaram.



Na PASEC, para trabalhar este tipo de processos, mais dirigidos, com uma densidade e intensidade maior, os Campos de Formação, enquanto laboratórios sociais, são a ferramenta relevante e até

ideal. Por um lado são feitos fora da realidade natural do grupo, o que permite pôr à prova todo o trabalho desenvolvido fora do contexto natural. Por outro lado, o animador tem o grupo em convívio permanente, dias consecutivos, situação ideal para experimentar cadências de trabalho que no contexto normal não são possíveis.

Mas mais importante do que este conhecimento teórico é necessário percebermos em contexto real como tudo se desenvolve, quem são realmente os protagonistas, qual a importância que o grupo assumiu na vida de cada um, quais os sentimentos experienciados e, por fim, talvez o mais importante, de que forma o grupo mudou a sua própria vida. Assim, como forma de reafirmamos as ideias anteriores fica aqui um testemunho de quem viveu e vive próximo dessa mesma realidade:

*“... os meus dias eram constantemente assombrados pelos demónios, demónios esses que se manifestavam de inúmeras formas, no medo, na insegurança, no desequilíbrio, no desconhecido, até na própria escuridão. Tornavam-se mesmo em verdadeiras batalhas, lutas constantes, mas sempre com a finalidade de perceber quem realmente eu era. Mas como nunca foi e nunca será possível vencer guerras individualmente, surgiu a PASEC... mais propriamente o grupo Cosmos. Com o grupo foi possível criar estratégias para se conseguir vencer os demónios, principalmente porque fui capaz de os enfrentar.*

*Mas afinal, como se enfrentam os demónios? A resposta está na partilha, na discussão dos mesmos com o grupo, de sermos capazes de os assumir e de não nos limitarmos a escondê-los na escuridão. Estas reflexões são uma constante nas reuniões do grupo, mas tornam-se escassas, falta algo mais intenso. Por isso, surgiram os campos de formação. Nestes encontros, vividos já de uma forma mais intensa, é visível o cuidado que cada um tem com o “cada um que complementa o grupo”, a preocupação de que todos estejam pelas mesmas finalidades. Por exemplo, quando não se percebe bem o outro, entender e acentuar o seu sentimento de pertença, de que também ele faz parte do grupo é extremamente relevante, pois promove a coesão grupal, até mesmo a identidade do próprio grupo.*

*Os campos de formação tornaram-se numa espécie de refúgio, no qual podemos ‘fugir’ por algum tempo da nossa realidade. Nesses dias sinto que ‘existo’, e o que está a ser feito é para o meu próprio desenvolvimento, bem como para o próprio grupo. Quando um campo termina, sinto que recarreguei as baterias necessárias para conseguir enfrentar os demónios que persistem na verdadeira realidade como se de uma lufada de ar fresco se tratasse. Os sentimentos de auto-confiança, de bem-estar estão bem presentes.*

*Mas afinal o que acontece nos campos de formação, para que os sentimentos sejam tão positivos? Fundamentalmente, é o tempo que passamos juntos e a intensidade dos pequenos momentos. São realizados alguns exercícios, tendo como metodologia de trabalho a Simbologia Grupal que fazem com que algumas das barreiras que alimentam o ser humano sejam quebradas, o que não é possível acontecer na caótica sociedade dos dias de hoje. É incrível como em apenas dois ou três dias (depende do campo) é possível que se possam viver experiências mais intensas do que num ou dois anos. “*

O Campo de Formação, como formato de formação mais amplo, constante e continuado, amplia mas também delimita o trabalho do Animador que o dirige. É fundamental que este perceba que o jovem que nele participa precisa de sentir cuidado, valorizado pelas suas acções e, acima de tudo, se sinta como ser humano pleno da sua própria consciência, porque um Campo de Formação é uma oportunidade rara, visto que logisticamente e financeiramente não é a tipologia de actividade mais acessível. Tudo isto permitirá que o jovem adolescente se sinta mais seguro, mais coerente e consciente daquilo que é e do que é capaz de fazer, sem se sentir inferiorizado em relação aos seus demónios, porque afinal “todos somos habitados por demónios”. Desta forma, o processo implementado em Campo de

Formação permitirá enaltecer a auto-estima e a auto-confiança dos jovens num processo continuado que reforça o antes e o depois da vida em grupo.

*“Sem dúvida que algumas das batalhas mais importantes que venci até hoje se devem, seguramente, ao meu grupo e aos refúgios em que nos encontramos...”*

Maria Ferreira

### **Crianças “encurraladas” no flagelo da Violência Doméstica**

A Violência Doméstica é um dos graves problemas da sociedade. É um flagelo muitas vezes enfrentado com o silêncio. Esta não está ligada a nenhum grupo social, económico, cultural ou religioso específico.

A Violência Doméstica afecta ambos os sexos e assume-se como drama de grandes proporções devido ao seu impacto na vítima. Esta, muitas vezes, sofre calada dando azo a um deficiente desenvolvimento físico e mental.

A vítima de violência doméstica, por norma, tem pouca auto-estima, falta de confiança em si mesma, medo e vive dependente emocionalmente ou materialmente do agressor/a. Como se não bastasse o sofrimento físico, a vítima ainda está sujeita ao jogo psicológico por parte do agressor que a acusa de ela própria ser a culpada da agressão. A tudo isto juntamos o capítulo da vergonha pública. Em determinadas vezes o agressor ainda promete que o cenário não se tornará a repetir criando falsas expectativas na vítima.



Uma boa parte das vítimas acaba por se adaptar ao ambiente de violência e convive com aquele estilo de vida. Em muitos casos não se consegue encontrar explicação, uma vez que algumas vítimas são independentes ao nível económico.

O primeiro passo para resolver estas situações é a vítima

pedir ajuda. Algumas vítimas, além de pedirem ajudam, acabam mesmo por abandonar a casa e fugir do agressor/a, mas infelizmente, passado algum tempo voltam para o agressor/a esquecendo-se de quem os acompanham, os filhos.

Muitos deles nasceram no meio do problema com o qual convivem diariamente. Os pais não se escondem dos filhos, estes assistem a tudo como se estivessem no cinema a assistirem a um drama. Só que este, infelizmente, é real e faz parte das suas vidas.

Muitos de nós, técnicos que trabalhamos nesta área, questionamo-nos o que irá na cabeça destes “pequenos seres”?!

Sem o devido acompanhamento estas crianças e adolescentes, habituados a um ambiente de violência, têm o potencial para eles próprios se tornarem adultos violentos porque foi o meio em que se habituaram a viver.

É difícil chegar a estas crianças. São pequenos cidadãos revoltadas, sem regras, sem valores. As suas brincadeiras são violentas e estão sempre ligadas à violência. Quando conversamos com elas o assunto é invariavelmente o mesmo: “ polícia, hospital, facas, sangue...”. O mais horrendo é que não se trata da sua imaginação, mas da realidade que viveram de facto.

A aproximação a este público é sempre muito difícil porque o processo de adaptação quer ao novo ambiente, quer às pessoas que as rodeiam é doloroso tanto para eles como para quem está a trabalhar com eles. Como se não bastasse o sofrimento a que eram sujeitos em casa e a mescla de sentimentos perversos que sentem, o facto de terem que abandonar a sua casa, os seus amigos, a sua escola e ter que começar tudo de novo, leva a que as mesmas não compreendam porque têm de passar por tudo aquilo, intensificando o seu sentimento de revolta.

Por muito difícil que seja para quem trabalha com este tipo de crianças, tem que ter uma postura firme e séria porque seremos constantemente testados pelas mesmas. Elas “vão apalpando” o terreno e a ausência de uma postura firme, sobretudo na fase inicial, pode inviabilizar todo o processo de formação posterior que tentemos empreender.

Nesta fase inicial as regras têm que ser claramente definidas, determinando e deixando claros os campos de acção de cada um dos agentes envolvidos. O passo seguinte passa pela reconstrução de laços afectivos, nesta fase com os agentes educativos com quem interage a criança, sem nunca descorar o relacionamento privilegiado com o progenitor (normalmente a mãe), que deve ser incentivado e aprofundado. Com estas duas plataformas estabelecidas é possível começar a redesenhar o projecto de vida da criança e restabelecer os canais de comunicação com o ambiente exterior.

Um dos principais problemas destas crianças é o baixo rendimento escolar. Neste sentido é fundamental incentivar a leitura, a sua relação com os livros e as actividades de expressão plástica, sempre de acordo com os seus gostos e tendo presente as temáticas para as quais se sentem mais estimuladas e sensibilizadas.

Outra das dificuldades que constatamos na relação com estas crianças é o facto de não saberem lidar com as suas próprias frustrações, sobretudo o “perder”. Querem ganhar sempre, é uma forma de reforçar o seu ego. Quando não o conseguem amuam, revoltam-se e chegam mesmo a agredir as outras crianças com quem estão a interagir. Nestas situações aproveitamos os jogos didácticos que estimulam sobretudo a interacção e negociação grupal, de modo a potenciar a sua abertura ao exterior, o relacionamento com o outro e sobretudo a capacidade para ouvir e se fazer ouvir.

No entanto o trabalho mais árduo passa pela questão dos valores. Quando entramos neste campo é sem dúvida o “cabo dos trabalhos”. Levá-los a perceber e compreender os conceitos de respeito, tolerância, paciência, responsabilidade, entre outros é muito difícil. Eles próprios questionam: “Porquê que eu tenho que respeitar quando o meu pai ou a minha mãe não respeitavam?”; “Porque devo eu ter responsabilidade se não me serve de nada?”...

Trabalhar a componente dos valores pode ser um desafio ainda mais condicionado se o próprio progenitor, normalmente a mãe, também não colabora. Nestas situações

temos uma aventura de dois caminhos que queremos que se transforme em apenas um.

Imaginemos uma família em que as crianças assumem um comportamento onde impera a ausência de regras, normas, boa educação, valores e tudo o que possam imaginar. Nestas situações a fórmula assenta num trabalho multidisciplinar de todos os técnicos envolvidos, uma grande dose de paciência, disciplina, persistência e resiliência e uma capacidade inesgotável de “engolir sapos”, porque os resultados demoram a aparecer.

Com o tempo acabamos por conseguir alguns resultados e sentir que o trabalho que fizemos permitiu uma evolução positiva da situação. Percebemos que a criança nos ouve mais, está mais calma, é capaz de realizar as tarefas básicas de gestão do dia-a-dia, foi refazendo e reconstruindo parte dos seus laços sociais e que voltou a olhar o mundo à sua volta com esperança. De qualquer forma, este processo está sempre ligado ao processo de reinserção social do progenitor, situação que não abordamos nesta reflexão.

Este é um trabalho árduo que exige muito de qualquer profissional física e emocionalmente. É doloroso quando se trabalha com estas vítimas durante meses, anos, com o objectivo de ajudar a refazer as suas vidas e no fim de todo o processo elas voltam para o/a agressor/a. Nestas situações as crianças são novamente arrastadas para o submundo, fazendo do futuro que as espera um caminho sem ponto de chegada.

M.D.M.



### Situações de Exclusão Social nos Cursos de Formação Profissional



Antes de tudo importa advertir que os nomes utilizados para identificar os protagonistas das histórias documentadas são fictícios. Diariamente as nossas escolas são palco de diversas formas de exclusão social motivadas por variados factores: desde o aproveitamento dos alunos até à classe social a que pertencem, passando pela roupa que vestem, o tipo de famílias de que provêm (monoparental, desestruturada, etc) e os ícones musicais que “curtem”.

Se no ensino regular estes factores são evidentes, na esfera dos cursos de ensino profissional, nomeadamente os das escolas especificamente voltadas para a formação profissionalizante, este facto é-o ainda mais.

Então quando falamos de Exclusão Social e de Cursos Profissionais, falamos de quê? Rejeição, discriminação, afastamento, marginalidade, ...?! Hoje deixo-vos três pequenas histórias que sem serem exemplos universais, são exemplos sobre os quais devemos reflectir.

Maria, 17 anos, frequentava o segundo ano de um curso profissional e há algum tempo a esta parte (para não dizer meses ou mesmo anos!) era alvo de críticas por parte das colegas de turma pela forma como ia vestida para a escola: “Olha p’ra ela! Parece que vai para uma festa!”; “Hoje vem com o cabelo solto!”; “Olha, hoje a bonequinha parece uma gata borralheira! Que roupa pirosa!”; “De onde é que ela saiu! Que cabelo horrível!” ... Até que a aluna decidiu abandonar a escola pois já não conseguia aguentar mais os comentários que passaram de esporádicos a acontecer diariamente, várias vezes ao dia! Só no momento de anulação da matrícula revelou o motivo pelo qual abandonava a escola, pois era constantemente ameaçada e comentada pelas colegas.

Filha de uma família bem considerada no meio onde vive, Mariana contou sempre com o apoio dos pais no seu processo de formação escolar. Uma educação muito exigente fizera dela uma aluna exemplar desde o 1º ciclo do ensino básico. O desejo de fazer um curso de Animador Sociocultural levou-a para uma escola profissional. O seu aproveitamento evidenciava-se dos resultados medianos do resto da turma, fruto do seu esforço, empenho e dedicação. A sua determinação em concluir o curso ajudam-na a ultrapassar as constantes coações de que era alvo por parte dos colegas para fazer os trabalhos de casa e de grupo, e nos testes obrigam-na a mostrar as respostas, sob pena de não ser aceite no grupo. Actualmente, frequenta o ensino superior e usufrui de acompanhamento psicológico mensal pois no final do 12º ano chegou a tentar o suicídio.

João, filho de pais cabo-verdianos, foi criado pelo pai e pela avó pois a diabetes roubou-lhe a mãe aos 7 anos de idade. Apelidado de “preto”, “retornado”, “barrote queimado”... desde cedo foi uma criança revoltada com a sua situação o que o levou a começar a consumir drogas. Pela terceira vez frequenta o 10º ano: ficou retido duas

vezes na escola secundária e recentemente ingressou numa escola profissional do seu concelho. Na turma tem desaparecido dinheiro, telemóveis e outros artigos de valor. Há boatos de que o autor destes desaparecimentos seja João, pois vem de uma família de fracos recursos e não tem dinheiro para os “charros”, mas ainda nada foi comprovado.

Nos três casos apresentados a intervenção da figura do director de turma e do psicólogo escolar revestem-se de extrema importância: o primeiro porque recebe a informação dos professores acerca das atitudes e comportamentos dos alunos (quer das vítimas, quer dos agressores) e que a veicula para o psicólogo escolar para acompanhamento e tentativa de resolução do problema.

Mas o que realmente acontece na maior parte destas situações?

Muitas vezes, se não na maioria delas, estes actos não chegam ao conhecimento dos professores, directores de turma, ou mesmo dos psicólogos escolares. Os alunos (vítimas) omitem estas situações, pelo medo do que os agressores lhes possam fazer. Em momentos de saturação chegam a abandonar a escola, a consumirem substâncias ilícitas (drogas leves ou pesadas), a auto-mutilarem-se ou tentam mesmo o suicídio.



Quando situações como as relatadas atrás são identificadas atempadamente, o primeiro passo é perceber junto dos envolvidos (vítima e agressor) e do grupo turma o que está por detrás da situação: Trata-se ou não de uma forma de exclusão de diversos elementos do grupo?; Que razões existem para provocar esse afastamento?; É voluntário ou premeditado?; Será que a vítima é-o efectivamente?; E o agressor efectivamente exerce tal pressão, coação sobre a vítima?; Terão estas situações origem

no contexto escolar ou serão também (ou não) um reflexo de vivências extra-escolares? ...

Todos estes factores são devidamente analisados e é traçada uma linha de acção na tentativa de resolução do problema. O trabalho de equipa entre os diversos intervenientes no processo de formação de alunos - professores, director de turma, psicólogo, direcção da escolar, colegas de turma e chegando, em situações mais críticas, a chamar a intervenção dos encarregados de educação - é extremamente importante pois possibilita uma identificação concreta do problema e da sua origem bem como de uma resposta eficaz para a resolução do mesmo. Nas situações mais gravosas as vítimas e/ou agressores chegam a ser encaminhados para instituições especializadas para acompanhamento psicológico e/ou terapêutico.

Os casos apresentados são reais e são meros exemplos das muitas formas de exclusão social nas nossas escolas. As repostas que a escola encontrou para a resolução destas situações resultou sempre que foi possível identificar atempadamente as situações como no caso da Mariana e do João. No caso da Maria, a decisão de abandonar a escola foi irreversível. O facto de nunca ter revelado a sua situação com ninguém, mesmo que fossem outras colegas de turma ou escola (que muitas vezes são a primeira resposta para resolução da situação no sentido em que permitem identificar a situação) foi o motivo da não solução do problema.

Marta Assunção



# Rostos e Recursos da Democracia Inclusiva

(a realidade Madeirense)

## Os rostos e os recursos da Democracia Inclusiva e da Cidadania Activa. Apontamentos de um Animador – A Realidade Madeirense...

Albino Luís Nunes Viveiros

Associação Insular de Animação Sociocultural



As práticas de cidadania activa e de consciencialização para a inclusão social e cultural dos jovens e, consequentemente, para a sua participação na vida cívica da comunidade mediarão esta reflexão sustentada na realidade insular e alimentada no «Pensar Global, Agir Local». Este é mais do que um exercício de retórica, é um desafio, porque nos exige um distanciamento necessário para que a escrita reflecta as realidades locais.

O presente texto reúne alguns apontamentos sobre recursos e práticas de inclusão, mas também, o trilhar de possíveis linhas orientadoras para uma reflexão e desenvolvimento de um trabalho colectivo com as comunidades locais.

A Região Autónoma da Madeira é um território onde as práticas de inclusão sociocultural e de democracia inclusiva estão espartilhadas por diferentes realidades sociais. Os promotores e/ou parceiros destes empreendimentos são as câmaras municipais, juntas de freguesia, casas do povo e as instituições públicas e privadas locais e regionais que desenvolvem a sua actividade nos domínios da educação, da juventude, da promoção do emprego e da acção social. Uma dinâmica local que envolve as colectividades recreativas, desportivas e culturais.

No âmbito da 4ª Geração do Programa Escolhas (2010-2012), há três comunidades locais da Madeira que beneficiam do programa através dos projectos: «C@pacitar», «Despertar@Nogueira» e «REINVENT@.COM». O Escolhas visa promover a inclusão social de crianças e jovens oriundos de contextos socioculturais e económicos vulneráveis, com o intuito de promover a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão nacional.

O projecto «C@pacitar» promovido pela Câmara Municipal do Funchal e desenvolvido no quadro geográfico do concelho, tem como objectivos contribuir para a inclusão social das crianças e jovens, fomentando a aquisição de competências em contexto formal e não formal; incentivar a dinamização comunitária e respectiva participação dos jovens beneficiários do projecto através da promoção da cidadania activa; promover a inclusão social e digital no decurso do projecto.

O «C@pacitar» tem como áreas estratégicas de intervenção a Medida I – Inclusão escolar e educação não formal, a Medida III – Dinamização comunitária e cidadania, a Medida IV – Inclusão digital e a Medida V – Empreendedorismo e capacitação.

«Despertar@Nogueira» é o projecto comunitário que beneficia da 4ª Geração do Programa Escolhas e tem como destinatários a comunidade do Bairro Social da



Nogueira na Freguesia da Camacha, Concelho de Santa Cruz. Há semelhança do projecto «C@pacitar», este contempla as cinco áreas de intervenção, sendo a Medida II – Formação profissional e empregabilidade. Este projecto é promovido pela casa do povo da respectiva freguesia.

O projecto «Reinvent@.com» tem como objectivos a promoção da inclusão social de jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 24 anos, suas famílias e a igualdade de oportunidades, favorecendo a inserção socioeconómica, cultura e profissional da população do bairro; desenvolver competências psicossociais, estimulando a formação cívica e social; e promover acções conducentes à inclusão digital.

«Reinvent@.com» é desenvolvido no Bairro Social da Nazaré, área geográfica da Freguesia de São Martinho e é promovido pela casa do povo local. A equipa do projecto é composta por uma coordenadora, um Animador Sociocultural, uma dinamizadora comunitária, uma monitora Cid@Net e um monitor.



Há questões que necessitam de reflexão coerente e objectiva face à realidade. É fundamental dar respostas que se traduzam em metodologias de trabalho comunitário com as pessoas, capacitá-las para que sejam capazes de assumir a sua cidadania e que contribuam como colectivo na transformação das realidades com as quais co-habitam nos territórios despovoados de

oportunidades, transformando-os em lugares de esperança e de futuro.

Os promotores e parceiros dos projectos de intervenção comunitária não podem refugiar-se nas estatísticas, devem ir mais além, alimentar as utopias dos Homens. Elas são um espaço e um tempo que deve ser de aprendizagens, de convivialidade e de combate ao isolamento, à segregação social e às fragilidades económicas, sociais, culturais e educativas. Não há intervenção comunitária capaz de contribuir para a mudança sem o envolvimento activo da escola, das autarquias, das entidades culturais e empresariais.

### **Da Educação Não Formal à Animação SocioEducativa**

As aprendizagens em contexto educativo não formal – «a educação fora da escola» – são um ensaio social e pedagógico para o desenvolvimento de competências nos domínios da educação e da cultura. A educação não formal enquanto prática pedagógica voluntária não hierarquizada encontra terreno fértil para o seu desenvolvimento no âmbito da dinamização comunitária através dos projectos socioculturais.

A educação não formal é uma das ideias chave defendida na Declaração dos Participantes no Seminário Nacional “República e Juventude”: «A Educação Não



Formal afirma-se hoje em dia e merece o seu reconhecimento, enquanto processo fundamental para a formação de um cidadão.»

(...) A Educação Não Formal é uma importante, e particularmente eficaz, metodologia de transmissão de saberes, conceitos, conhecimentos, e práticas alicerçada em actividades lúdico-pedagógicas e métodos não formais de aprendizagem perante a qual os jovens têm demonstrado particular agrado e apetência e com a qual eles interagem diariamente através de associações, organizações, campos de férias, e demais. Ela deve, por isso, ser reconhecida e valorizada.

(...) neste campo, deve ser conceptualizada uma efectiva e integrada política de lazer(es) e tempos livres.<sup>1</sup>

A Animação Socioeducativa é um dos âmbitos da Animação Sociocultural associada aos contextos da educação não formal, uma educação que privilegia o lúdico, a criatividade e a participação. A Animação Socioeducativa é a ponte entre os actores da educação – a escola, a família e a comunidade local –, sendo que eles também são instituições fomentadoras da educação não formal.

A animação socioeducativa é uma forma de educação realizada fora da escola por profissionais ou voluntários no contexto de organizações de juventude, entidades autárquicas, centros de juventude e paróquias, entre outros, que contribui para o desenvolvimento dos jovens. Juntamente com as famílias e outros profissionais, o trabalho de animação socioeducativa pode ajudar a lidar com o desemprego, o insucesso escolar e a exclusão social, além de ser uma forma de ocupação dos tempos livres. Além disso, também é um modo de angariar competências e ajudar a transição para a vida adulta. Apesar de não ser formal, este trabalho precisa de ser mais profissionalizado.<sup>2</sup>

A Comissão Europeia em matéria de políticas de juventude, nomeadamente, no enfoque educativo sublinha o papel dos Animadores Socioeducativos e o trabalho que é possível desenvolver fora do sistema educativo formal. A Comissão defende uma maior integração da educação formal com a não formal, pois, são complementares.

Os projectos comunitários no âmbito da mobilidade e do voluntariado jovem são recursos importantes para a valorização pessoal, desenvolvimento do espírito de solidariedade e de compromisso social na efectivação de práticas de educação e mediação interculturais.

A participação activa dos jovens em actividades fora dos tempos lectivos e com uma ligação privilegiada ao imaginário, ao mundo do lúdico e da cultura pela experimentação, favorece a conquista da autonomia dos jovens e do desenvolvimento da criatividade em grupo através das expressões artísticas. Estas são ferramentas privilegiadas para a promoção da cidadania activa e da inclusão social pela arte.

A este propósito, uma breve referência ao projecto «1º ACTO – Teatro na Escola» promovido pela CRIAMAR – Associação de Solidariedade Social de Apoio ao Desenvolvimento de Crianças e Jovens. O projecto tem como destinatários

<sup>1</sup> Este posicionamento sobre o papel da educação não formal é apresentado no documento «20 Propostas Jovens para Portugal», p. 4.

<sup>2</sup> Este conceito é apresentado pela Comissão Europeia no documento «Uma Estratégia da UE para a Juventude – Investir e Mobilizar...», na secção 4.3 – Um novo papel do trabalho de animação socioeducativa, p. 12.

institucionais as escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário. A experimentação de todas as etapas de uma produção teatral, desde as aulas de teatro, a escolha do texto, os ensaios, a montagem de cenários e figurinos, composição e gravação da música, até a preparação do material gráfico e a apresentação ao público, onde os jovens são os protagonistas da peça teatral são os objectivos que sustentam o projecto.

O desenvolvimento de práticas de educação não formal com uma comunidade escolar em cada ano lectivo, suportado no princípio de despertar o interesse dos jovens protagonistas do «1º ACTO» para a actividade artística através do teatro e de outros campos artísticos associados são premissas trabalhadas no âmbito do projecto. Este reveste-se de metodologias de um trabalho pedagógico através do teatro e da expressão artística fomentadora do protagonismo de jovens cidadãos.

O «1º ACTO – Teatro na Escola» é um projecto de Animação Sociocultural desenvolvido no plano da educação não formal com jovens estudantes.

### **Promover a Educação para a Cidadania**

Há um conjunto de instrumentos e recursos favorecedores da participação e da educação para a cidadania dos jovens na vida comunitária e de Animação da Democracia. É urgente democratizar os espaços de reflexão e de debate que são por excelência fóruns activos de cidadania, contrariando a instrumentalização da actividade associativa. É fundamental envolver os jovens nas tomadas de decisão em matérias que estão directamente relacionadas com as suas problemáticas, porque eles são parte da solução com a sua criatividade, liberdade de pensamento crítico e de acção solidária, com a sua actividade empreendedora e diversidade das práticas democráticas de expressão artística, sinónimo de inclusão social.



A exclusão não tem apenas dois registos: o social e o cultural. Ela assume diferentes corpos e manifesta-se em cenários distintos da vida comunitária. A exclusão também se materializa na ausência de competências pessoais e profissionais, de instrumentos facilitadores no acesso à educação, à habitação e à participação no movimento associativo.

A exclusão também é incubada na ausência de oportunidades dos jovens assumirem o protagonismo no plano do desenvolvimento comunitário local, no exercício efectivo da cidadania activa que pressupõe a reivindicação pelo bem comum, a dignificação do desenvolvimento integral da pessoa na defesa e promoção dos valores democráticos: a liberdade, o respeito pela diversidade cultural e ideológica, a promoção da igualdade de

oportunidades no acesso ao mercado de emprego, no direito à habitação, aos bens culturais e à educação.

Os jovens têm o direito e o dever de participar activamente na transformação das realidades sociais. Eles são produtores e actores da cultura democrática e da cidadania, o que implica a assunção do papel de mediadores e dinamizadores comunitários.

Porque falamos das possíveis valências da democracia inclusiva e da cidadania activa, é pertinente e elucidativo a referência a um projecto de boas práticas no quadro da política municipal de juventude.

«Rumo à Cidadania Participativa» é o projecto de promoção e de educação para a cidadania promovido pela Câmara Municipal do Funchal, no âmbito do programa «Juventude em Acção». Esta iniciativa de educação não formal e de estímulo à participação cidadã teve início em Setembro de 2010 e o seu término acontecerá no mês homólogo de 2011, envolvendo os jovens residentes no Concelho do Funchal, com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos.

O objectivo norteador do «Rumo à Cidadania Participativa» visa auscultar, debater, questionar e propor medidas aos decisores políticos locais em matéria de políticas de juventude, através da concepção e desenvolvimento de programas, projectos e actividades direccionadas para a população juvenil com o intuito de uma melhoria contínua da intervenção do poder local ao nível das políticas juvenis.



O projecto envolveu activamente os jovens das freguesias do Concelho do Funchal, as escolas básicas do 2º e 3º ciclos, secundárias e profissionais através da realização de fóruns, com o desiderato de reunir um conjunto de propostas a apresentar pelos grupos de trabalho criados em cada freguesia, no fórum juvenil na câmara municipal. O fórum juvenil é desenhado

como um espaço de discussão onde serão debatidas as propostas e seleccionados os representantes juvenis que protagonizarão em nome do colectivo, a apresentação das propostas finais numa assembleia municipal juvenil coordenada pelo presidente da autarquia.

A mobilidade e ultraperiferias, a participação juvenil e democracia, a educação formal e não formal, o desenvolvimento sustentável e as políticas de inclusão social são as temáticas em discussão, transversais às políticas sectoriais municipais e que alimentam a participação juvenil no «Rumo à Cidadania Participativa».

### **As associações, escolas de democracia**

As associações são escolas de democracia e de participação cidadã. Elas são estruturas privilegiadas para as práticas de Animação Sociocultural, enquanto, metodologia de

intervenção comunitária e âmbito da educação não formal, capaz de mobilizar os indivíduos para tomarem parte activa na transformação da sua própria realidade social, educativa, cultural, económica e política. Os Animadores têm uma tarefa fulcral no desenvolvimento do trabalho comunitário no âmbito dos novos contextos de intervenção, um labor que implica o fomento permanente do pensamento crítico e de uma consciência social desperta para as realidades da sociedade do século XXI.

As associações como espaços de educação não formal são palco para outras aprendizagens pedagógicas. Elas têm que assumir o compromisso de parceiras inequívocas do desenvolvimento local e de integração sociocultural das minorias que cada vez mais estão a transforma-se nas minorias do défice educativo, económico e cultural.

As colectividades são um recurso comunitário para o desenvolvimento de um trabalho do Animador no âmbito da sua acção com as comunidades. O movimento associativo é um suporte privilegiado para a reinvenção do direito à emancipação juvenil. Os Animadores na sua acção têm que mobilizar os jovens, aproveitando as suas sinergias e vontades colectivas com o sentido da provocação das mudanças da acção tecnocrática dos decisores políticos, reinventando as utopias e as sociabilidades comunitárias.

A Animação Sociocultural assume um papel de charneira na dinamização comunitária e na promoção da cultura democrática através de uma metodologia participativa e pedagógica. Os animadores têm o desafio permanente de mobilizar as pessoas, individual ou colectivamente organizadas para a participação na mudança social através do seu próprio (des)envolvimento social e cultural. Partilho do pensamento conceptual de R. Torraille sobre o que é a Animação. Para ele a Animação implica a envolvimento activa de cada cidadão na transformação social.

Proporcionar aos homens o «maximum» de meios para que juntos inventem os seus próprios fins. Trata-se, em suma, de despertar no seio das sociedades a função civilizadora: a que postula no mais simples habitante de qualquer aldeia ou bairro, um cidadão cabal com uma exigência de sentido que lhe permita contribuir pessoalmente à gestão da colectividade e à criação dos seus valores. (TORRAILLE, apud ANDER-EGG, 1999: 75)

É através de uma política de Animação da Democracia e da Cidadania Activa, duas dimensões que devem estar alicerçadas no Associativismo, célula da liberdade e da participação cidadã nos projectos comunitários, que está um contributo necessário para a afirmação da identidade cultural dos jovens e da afirmação das suas práticas de sociabilidade no território.

### **A Animação Juvenil**

A Animação Juvenil, âmbito da Animação Sociocultural, deve alicerçar-se no quadro do princípio da liberdade, da promoção do Associativismo, da participação e do voluntariado (LOPES, 2006: 318).

A Animação Juvenil tem de estar focalizada no fomento de dinâmicas lúdico-pedagógicas através das muitas aprendizagens no contexto formal e não formal, potenciando através da Animação dos Tempos Livres e do Ócio dos jovens o desenvolvimento de processos de participação activa e voluntária, numa dimensão de



valorização pessoal e social. Os Animadores devem trabalhar com os jovens um conjunto de dinâmicas motivadoras, porque é fundamental envolver para desenvolver comportamento pró-activos, saudáveis, responsáveis e solidários em cenários de exclusão.

A Animação através da acção colectiva pode assumir-se como uma ferramenta social para a capacitação e assunção do protagonismo juvenil. Os Animadores pela sua actividade no desenvolvimento de projectos mobilizadores da acção juvenil têm que perceber no horizonte a educação multicultural e intercultural marcada pelo contributo dos jovens em projectos de voluntariado e na facilitação para a criação de espaços de solidariedade cidadã.

(...) promover a capacitação e o empoderamento de todos os jovens em particular dos jovens com menos oportunidades. Neste campo, os chamados «youth workers» trabalhadores com jovens ou animadores socioeducativos/dinamizadores comunitários – têm desenvolvido um trabalho com muitas potencialidades, alicerçado em projectos em que os jovens são os actores, onde são usados métodos e técnicas de ENF e em que a arte, a cultura e as novas tecnologias de informação são instrumentos centrais. O reforço da coesão social e a diminuição das vulnerabilidades, numa perspectiva de melhorar a segurança humana, são alguns dos seus principais, e muitos positivos efeitos.<sup>3</sup>

A Animação Juvenil pode ser desenhada e tem lugar privilegiado nos programas focalizados para a mobilidade e participação dos jovens, projectos promovidos pelos organismos oficiais de apoio à actividade juvenil. No caso particular da Região Autónoma da Madeira, a Direcção Regional de Juventude disponibiliza e apoia a concretização efectiva de um conjunto de programas de âmbito juvenil: «OTLs» (Ocupação dos Tempos Livres), «Jovem em Formação», «Juventude em Acção», «Voluntariado Juvenil» e «Parlamento dos Jovens».



O programa «Jovem em Formação» visa a ocupação dos tempos livres dos jovens no período de férias da época estival, a sensibilização para uma futura inserção no mundo do trabalho, proporcionando-lhes um enriquecimento individual e orientação profissional mais consciente.

O «Juventude em Acção» tem como objectivos promover a cidadania activa dos jovens, desenvolver os valores da solidariedade e da tolerância, incentivar a compreensão mútua entre os jovens de diferentes países e fomentar a cooperação europeia em matéria de políticas de juventude. O programa visa ainda, a promoção da mobilidade jovem, a educação não formal, o diálogo intercultural e a inclusão.

<sup>3</sup> Reconhecimento do Conselho Nacional de Juventude ao trabalho desenvolvido pelos Animadores, referenciado no documento «20 Propostas Jovens para Portugal», p. 4.



O «Voluntariado Juvenil» é um programa que existe desde 2001, e que abrange as áreas do ambiente, património e âmbito sociocultural, cujo objectivo é estimular os jovens para a participação cívica em projectos sociais, ambientais e no domínio do património histórico e cultural.

O programa «Parlamento dos Jovens» promovido pela Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República tem correspondência na Região Autónoma da Madeira ao «Parlamento Jovem Regional» promovido pela Assembleia Legislativa da Madeira em cooperação com a Secretaria Regional de Educação e Cultura. Este projecto tem como principal objectivo a divulgação dos valores e das práticas democráticas e a educação para a cidadania. É um exemplo de fomento do debate entre os jovens sobre temas da actualidade, envolvendo os alunos eleitos das escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário, público, privado e cooperativo. As escolas intervêm no projecto através dos professores destacados para acompanhar a iniciativa, mas, a coordenação geral é da responsabilidade da equipa de projecto da Direcção Regional de Educação.

Os recursos para o exercício da cidadania activa dos jovens e as práticas de democracia inclusiva não estão limitados aos enunciados. Foi nosso objectivo focalizar a reflexão na realidade social madeirense, um cenário em transformação permanente. Procuramos fundamentar a nossa linha de pensamento nas práticas da cidadania activa, um processo democrático que levará tempo a sedimentar-se no nosso território.

Este exercício ajudou-nos a (re)descobrir outras perspectivas de reflexão colectiva e de diálogo com as comunidades locais, partindo do conhecimento do papel que a Animação desempenha na consolidação da democracia inclusiva.

## Referências Bibliográficas

ANDER-EGG, Ezequiel. *O Léxico do Animador*, ANASC, Amarante, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, Lisboa, (2009), «20 Propostas Jovens para Portugal», Conselho Nacional de Juventude, Disponível HTTP: [http://www.cnj.pt/images/stories/pdf/propostas\\_20.pdf](http://www.cnj.pt/images/stories/pdf/propostas_20.pdf) (15 Out. 2010).

COSTA, Abraão. *Manual de Simbologia Grupal*, PASEC, Braga, 2010

«Declaração dos Participantes no Seminário Nacional República e a Juventude», (5 Out. 2010), Disponível HTTP: [http://www.cnj.pt/images/stories/declaracao\\_republica\\_e\\_a\\_juventude.pdf](http://www.cnj.pt/images/stories/declaracao_republica_e_a_juventude.pdf) (30 Nov. 2010).

LOPES, Marcelino de Sousa. *Animação Sociocultural em Portugal*, Intervenção, Amarante, 2006.

“Plataforma Digital PASEC”, Disponível HTTP: [www.pasec.pt](http://www.pasec.pt)

«Projecto C@pacitar», Disponível HTTP: [http://www.lcm-funchal.pt/politicasocial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=380&Itemid=436](http://www.lcm-funchal.pt/politicasocial/index.php?option=com_content&view=article&id=380&Itemid=436) (9 Mar. 2011).

«Projecto “Rumo à Cidadania Participativa», Disponível HTTP: [http://www.lcm-funchal.pt/politicasocial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=386&Itemid=443](http://www.lcm-funchal.pt/politicasocial/index.php?option=com_content&view=article&id=386&Itemid=443) (15 Fev. 2011).

«Reivent@.com», Disponível http: <http://reiventacom.programaescolhas.pt/> (9 Mar. 2011).

UNIÃO EUROPEIA. Comissão Europeia, (27 Abr. 2009), «Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Uma Estratégia da UE para a Juventude – Investir e Mobilizar. Um método aberto de coordenação renovado para abordar os desafios e as oportunidades que se colocam à juventude», Infoeuropa- Biblioteca de Informação Europeia em língua portuguesa, Centro de Informação Europeia Jacques Delors, Disponível HTTP: [http://edbl.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/comissao\\_europeia/investir\\_mobilizar\\_juventude.pdf](http://edbl.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/comissao_europeia/investir_mobilizar_juventude.pdf) (9 Mar. 2010).